

**A** 467105 DUPL

LIVRARIA ACADÊMICA

*J. Quedes da Silva*

R. Mártires da Liberdade, 10

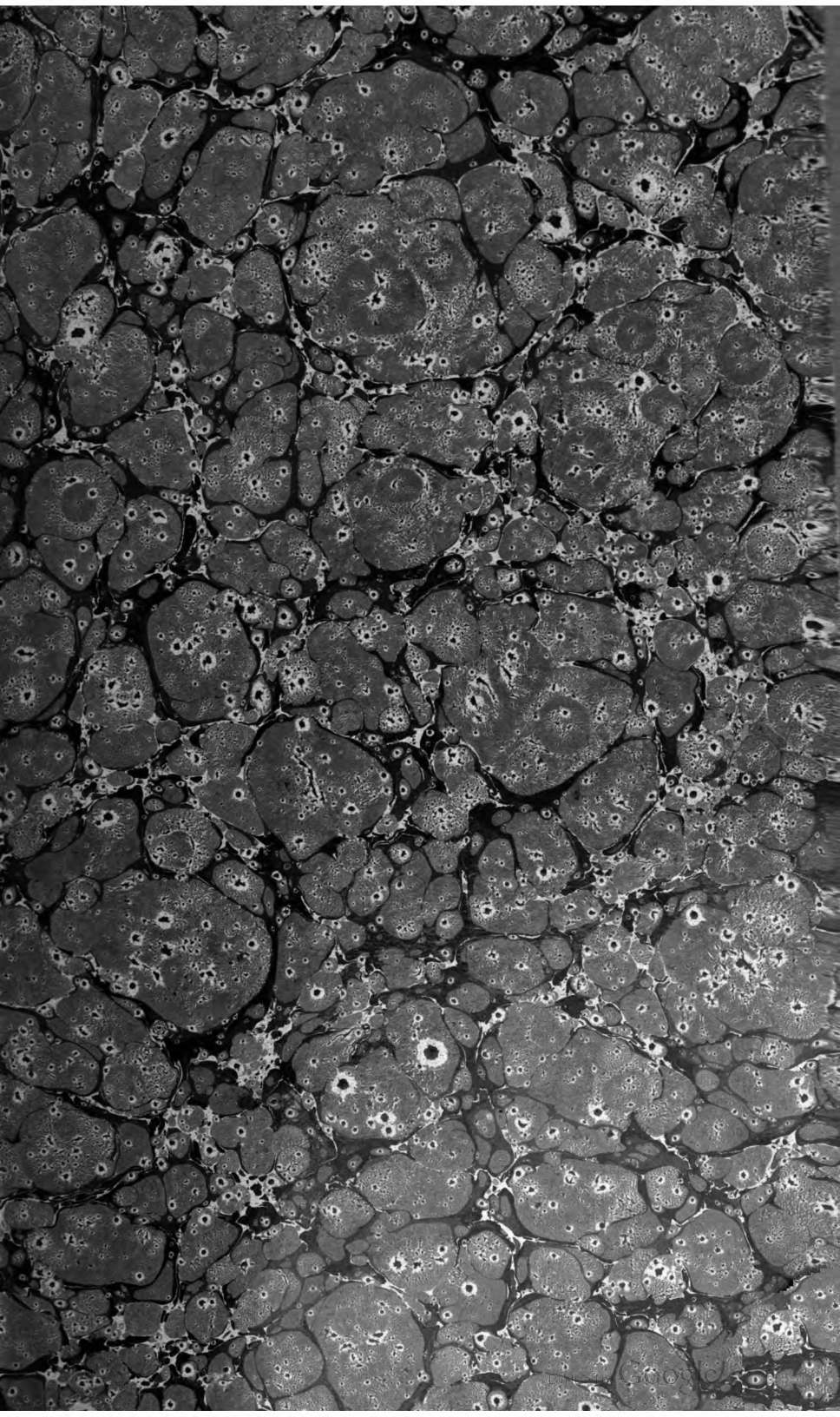
Telefone 2 5988 — PORTO

LIVROS USADOS

COMPRA E VENDE

University of  
Michigan  
Library

847  
KIP 100





A ACADÉMIA  
des da  
s da Liberdade  
5988 — P O  
S U S  
A E V

PROPERTY OF  
*University of  
Michigan  
Libraries*  
1817  
  
ARTES SCIENTIA VERITAS

200

# POESIAS

I

100/

PROPERTY OF  
*University of  
Michigan  
Libraries*  
1817   
ARTES SCIENTIA VERITAS

200

# POESIAS

1

Procedural  
9- Feb 177.



*Poés de Kruger Cibrão (Poesias)*

# POESIAS

DE

ERNESTO CIBRÃO

1857-1860.

---

PARIS

IMPRIMERIE DE P.-A. BOURDIER ET C<sup>ie</sup>

80, RUE MAZARINE

1861

267.8  
P376  
1901

DO MESMO AUCTOR.

---

A' Venda :

LUIS, drama em 3 actos.

No Prelo :

OS HOMENS DO CAMPO, drama em 3 actos.

DOIS AMORES, comedia em 4 actos.

MAIS VALE TARDE..., proverbio em 1 acto.

AS ERRATAS, comedia em 1 acto.

UM BILHETE, comedia em 1 acto.

604018-176

**Car la poésie est l'étoile  
Qui mene à Dieu rois et pasteurs.**

**VICTOR HUGO.**



**A' MEMORIA**

**DE**

**CASIMIRO DE ABREU**

**POETA DAS PRIMAVERAS**

**CONSAGRA**

**ERNESTO CIBRÃO.**

Recebe este voto, amigo,

. . . . .

Em poucos versos singelos.

Qualquer os fará mais bellos;

Ninguém tão d'alma os faria.

GARRETT.



Inda o cypreste não roçára o tope  
Na cruz do túmulo;  
E nem a relva tapetára a base  
Do teu sepulchro.

O chorão não soltou as folhas mortas  
E as doces lágrimas;  
E nem as rosas da primeira corôa  
Murcharam inda.

Mas tu não vives! desfolhou-se o arbusto  
Na quadra flórida !  
E a brisa perfumada do oriente  
Passou assim na terra.

Creança e moço,  
Deste ao mundo um rosal de primaveras...  
Mal veio o estio... Nem colheste o fructo !

. . . . .

E eu venho aqui, — á sombra do cadaver  
E á luz do espirito  
Que brilha lá no ceu —, depôr um cofre  
De gozo e maguas;

Que, em noites de tristeza, me sorriam  
Estrellas fúlgidas ;  
Que, em dias de pezar, o sol ás vezes  
Me allumiára.

A ti a flor que aos risos da ventura

Abríra o calice;

A ti o pranto que orvalhou a rosa

Por conservar-lhe o viço!

Guarda-o, poeta,

A' sombra protectora do cypreste

E á luz da tua gloria.

Paris, 26 de dezembro de 1860.



Souvent le malheureux sourit parmi ses pleurs ,  
Et voit quelque plaisir naître au sein des douleurs.

ANDRÉ CHÉNIER , *Élégies.*



## PLUMAS E PÊNAS.

Tenho só plumas e penas!  
Os cantos, que ao mundo vão,  
Enfeito com plumas da arte  
E penas do coração.

O anjo da desventura,  
Que semeia e colhe a dor,  
Roçou as azas de ferro  
Nas azas do meu amor.

Nasce no prado um arbusto,  
Que eleva as franças ao ceu ;  
Toca-lhe o sôpro de um raio...  
Verga-se, pende... morreu.

Sonham-se um dia venturas,  
Na ventura temos fé;  
Mas vem o sol da verdade,  
Nem deixa o sonho de pé.

Tambem... que valem amores  
A quem só no mundo está!  
Nasce uma crença e fenece,  
Depois outra... e mórre ja.

Perdido viajor no monte  
Ergue a voz, suspira e vai...  
Presta o ouvido, roçou-lh' o  
Brando cicio de um ai.



Não estou só! exclama e corre  
E vôa, rasgando o pó...  
E cança, pára, succumbe...  
Era o echo... Estava só!

Assim procuro debalde  
E assim me deixo illudir;  
Corro, sigo... a minha sombra...  
Sempre o desejo a mentir!

Arrasta-me inda a esperança  
Por cima do espinheiral...  
Se verde a esperança nasce,  
Verde morre, para mal!

Se tento regar-lhe as flores,  
Peço lagrimas... A quem!  
Bato a face nos espinhos,  
De um, que esmago, brotam cem!

Desce, oh anjo da poesia!  
Traz o balsamo dos ceus,  
E empresta-me as roxas flores,  
Que pônha nos versos meus.

Que, se vês plumas e penas  
Nos cantos que ao mundo vão,  
E' que são as plumas da arte  
E as penas do coração.

## CONQUISTA.

Eu vi as auras brincando afrosas  
Co' as brancas rosas do meu jardim ;  
Vi duas folhas, tremendo em pejo,  
Ao seu desejo darem-se em fim.

Duas estrellas, que o ceu das flores  
E os meus amores c'roam de luz,  
Vi-as sumir-se... depois, em brilho,  
Mostrar-me o trilho que ao ceu conduz.

Se — o leque agitando —  
O ar doce e brando  
Te deu muitos beijos  
Na pallida tez,  
Foi bem venturoso  
No tácito gozo,  
Beijando tão bella  
Gentil pallidez.

Se as duas *bellezas*,  
Na face tão prezas,  
O sópro do leque  
Travesso desfez;  
Fui mais venturoso  
No tácito gozo,  
Beijando a formosa  
Gentil pallidez.

Se os olhos esquivos,  
Que trazem captivos  
Os lírios e as rosas,  
O amor escondeu;  
Foi bem venturoso  
No tácito gozo,  
Sumindo as invejas  
Dos astros do céu.

Se as auras, passando  
E as rosas beijando,  
Tiveram delicias  
Que a noite envolveu;  
Fui mais venturoso  
No tácito gozo,  
Mirando teus olhos,  
Estrellas do céu.

E eu vi as auras brincando airozas  
Co' as brancas rosas do meu jardim;  
Vi duas folhas, tremendo em pejo,  
Ao seu desejo darem-se em fim.

Duas estrellas, que o ceu das flores  
E os meus amores c' roam de luz,  
Vi-as sumir-se... depois, em brilho,  
Mostrar-me o trilho que ao ceu conduz.

## DESALENTO.

Eu quero ser feliz, quero a ventura  
No espaço, que do berço á sepultura  
Me tem marcado a sorte!

Eu quero ser feliz! — Brado sublime,  
Que todo o amor da vida nos exprime  
E todo o horror da morte.

Eu quero ser feliz! — disse a criança,  
No futuro avistando uma esperança  
Luzir... Fanal incerto!

Eu quero ser feliz! — diz inda o homem,  
De quem os tristes dias se consomem  
Sem ver a luz de perto.

Eu quero ser feliz! — mero desejo;  
Que a brisa da ventura um só bafejo  
Não déra ao innocente;  
Nem tu, homem, terás felicidade,  
Que a sorte te escarnece, e a sociedade,  
A súplica fervente!

1856.



## A UNS ANNOS.

Não viveste p'ra ti, douraste a vida  
A quem t' a não dourou. . . . .  
Divina, sem rival, alma grandiosa,  
Devêras ter calcado, de orgulhosa,  
As offeras de um rei.

C. CASTELLO-BRANCO.

La quando o Creador vertêra o *fiat*  
Do cahos n' amplidão,  
Mandou que houvessem anjos para o mundo  
Na forma e coração.

E quiz a cada estrella, que se prende  
Na abóbada do ceu,  
Dar-lhe rival na terra : são os anjos  
Que ao mundo concedeu.

Cadeia luminosa, que no espaço  
A mão de Deus conduz,  
Estrellas, que verteis sobre os humanos  
A caprichosa luz,

Ha, na terra dois olhos que se opponham  
A uma estrella só;  
Duas saphíras, que vos prestam fôgo  
Por compaixão e dó!

Tu és, senhora, um dos anjos  
Que se oppõem a cada estrella;  
Se rival tinha a mais viva,  
Agora o tem a mais bella.

Alma, que aspiras ao immenso !  
Não creias paixão mundana;  
Que não deve ser vassalla  
Quem nasceu para soberana.

Nem penses tu que é mentida  
A crença que ponho aqui :  
E's anjo, — diz-m' o o respeito,  
Que n' alma sinto por ti.

Se a ventura, que mereces,  
Não foi sempre a tua flor,  
Provou a sorte e o destino  
Que és um anjo soffredor.

Devias ser feliz, — vergou-te a sorte...  
Vergou, que eu bem o sei...  
— « Deveras ter calcado, de orgulhosa,  
As offertas de um rei ! »

Devêras! que este mundo é feio e torpe,

Não te valia, a ti!

E' tempo ainda! reinas na amizade,

Tens vassallos aqui.

## A UMA ARTISTA.

Se vês um povo a teus pés ancioso  
Prendendo o gozo n' um sorriso teu;  
Se o vês chorando se mudaste em pranto  
O doce encanto, que o levava ao céu;  
Se o vês ardendo por pagar-te o premio  
Que deve ao genio, que te deve, a ti;  
E' porque o povo entrelaçou as almas  
No louro e palmas, que colheste aqui.

Rasga os espaços, poesia ativa,  
Não vás captiva por saudar a flor!  
Rasga os espaços, que é missão pequena  
Chorar a pênna e decantar o amor!  
Rasga os espaços, e no vôo immenso  
Dize o que penso, quanto sinto aqui!  
— Sinto que um povo entrelaçou as almas  
No louro e palmas, que te deu, a ti.

Sinto que vôas, — e o voar da gloria  
Marca da historia o fúlgido arrebol!  
Basta! não venças os celestes lumes,  
Temos ciumes do amor do sol!  
Basta! que eu canço de voar contigo,  
E mal te sigo no desejo, a ti;  
Mas crê-me, artista, que entrelaço est' alma  
Na pobre palma, que deponho aqui.

## CANTO DO INDIO.

Je hais l'oppression d'une haine profonde.  
Aussi, lorsque j'entends, dans quelque coin du monde,  
Sous un ciel inclément, sous un roi meurtrier,  
Un peuple qu'on égorge appeler et crier,  
.....  
Alors, oh ! je maudis, dans leur cour, dans leur antre  
Ces rois dont les chevaux ont du sang jusqu'au ventre.

VICTOR HUGO, *Feuilles d'automne*.

Albion! quebra o teu sceptro,  
Que em terra me quer prostrar !  
Não me accurvo ante os monarchas,  
Não lhes vou a mão beijar.

Nasci livre, é livre o espaço  
Por onde eu vou quasi só!  
Se um povo levanta a fronte,  
Dois a mergulham no pó.

Deixa o homem ser escravo,  
Sorrir lambendo o grilhão;  
Entre as feras, que se curvam,  
Saccode a juba o leão.

Ruge! e a voz quebra-lhe os ferros,  
Treme a terra e o sol tremeu;  
Se o leão mover as garras,  
Tremerá o inferno e o ceu!

Albion! queres dourar-nos  
O jugo pesado e vil?  
Trazê-o agora; quem o acceita!  
Não achas um entre mil.



O leão paga em affagos,  
Se a dor lhe arrancam do pé;  
Mas tem as garras de premio,  
Se espinhos na fronte vê.

Vieste banhar no Ganges  
O estandar te da paz !  
Mentiste ao mundo; o vexame  
A tua bandeira traz.

Não se arrasa impunemente  
O throno de Aureng-Zeib ;  
Se a tua lei é cubiça,  
E' vingança a nossa lei.

Prende o tigre nos desertos,  
Podes domal-o, talvez;  
Mas não se compram affectos  
Calcando a justiça aos pés.

Era pouco ter a corôa  
Dos paizes do Dekan!  
De longe vias o Ganges,  
Não viste o filho do Pant.

Podias captivar Uda,  
Arrasar Agra e Delhi,  
Mas sobre a ultima pedra  
La estava o Nana-Sahib.

Deixa o homem ser escravo,  
Sorrir lambendo o grilhão;  
Entre as feras não se curva,  
Saccode a juba o leão!

## MORRER PARA GOZAR

LENDA DAS MARGENS DO LIMA.

Sereno e manso deslizava o Lethes  
Banhando as margens de variado esmalte.  
O sol baixava a sepultar o brilho  
Por tras do sêrro que d' alem se erguia.

« Que santas horas de sublime gozo  
Não experimenta quem a Deus adora,  
Quando contempla o perecer do dia,  
Chegar a noite, e o scintillar d' estrellas,  
Surgir a lua bella e magestosa ;  
Depois ainda o despontar da aurora,  
E o claro sol mostrando a loura face...  
Que santas horas de sublime gozo,  
Se a tudo junta ser feliz na terra!  
Oh ! mas que vale tanta poesia,  
Se a poesia, sem amor, é nada ! »

Assim dizia, suspirando, um bardo  
A quem ja pouco lhe importava o mundo.

E o sol baixára a sepultar o brilho  
Por tras do sêrro, que d' alem se erguia.

II

Murmurio leve respondia ao triste,  
Murmurio leve que das aguas vinha.

« Meu Deus, meu Deus! que deste ao desgraçado,  
Em premio de sentir o que ha sentido!  
Viver no mundo ignoto e sem um peito,  
Que saiba com amor supprir a dita,  
Que a sorte denegou ao triste bardo!  
Sem ter um coração, um so! que venha  
Chorar comigo, ou enxugar-me o pranto  
Do desespero, que me escalda as faces! »

Mal acabára, que uma voz celeste,  
Assim dizia, perpassando o espaço :

« Poeta, tens na terra a tua lyra;  
Não mais, que o ceu negou toda a ventura  
A quem sentisse d' alma deslizar-se  
Torrente de poesia, amor e fogo!  
Que o diga Bernardim, Camões e o Tasso,  
Que o diga Chatterton, o suicida,  
O pobre Chénier, Gilbert e o Dante.  
— Archanjo voador, cego e voluvel,  
Sente a ventura n' aza caprichosa  
Do genio a luz, e espavorida foge.  
Poeta, tens na terra a tua lyra,  
E o som primeiro, que da lyra soltas,  
Pairando sobre ti, clama : desgraça! »

Desgraça! repetiram muitas vozes,  
Que os echos longe e longe duplicaram.

« Desgraça eterna! repetíra o triste,  
« Fatal sentença que o Senhor approva! »

III

Bem longas horas decorrido haviam  
Sem que o silencio mais quebrado fosse.  
Pensára o bardo n' essa voz que ouvira,  
E que tomára por mentira ou sonho ;  
Mas recordava bem essas palavras,  
Que lhe echoaram la no fundo d' alma :  
« O som primeiro que da lyra soltas,  
Pairando sobre ti, clama : desgraça ! »

E agora a lua surge projectando  
A baça fronte n' esse espelho inquieto,  
Que as leves auras mui de leve agitam.

Os de uma lyra sons melódiosos  
Vem do mancebo resoar no ouvido.  
Prelúdio fôra de sentida copla,  
Que voz celeste a descantar começa ;  
E tal doçura tinha e tal magia,  
Que a propria brisa suspendeu seu vôo :

. . . . .  
. . . . .  
. . . . .  
. . . . .

E apoz a trova foi silencio breve,  
Que o pobre vate resentira a vida,  
E retomando a desprezada lyra,  
A' voz celeste respondeu cantando :



. . . . .  
. . . . .  
. . . . .  
. . . . .

E apoz a trova foi silencio longo,  
E a mesma brisa proseguir seu vôo.

De balde o bardo procurou no valle  
O doce archanjo que prendêra as auras :  
Em balde fôra perguntar ao rio  
Se alguma deusa ou fada ali vivia ;  
Que o rio, surdo ás vozes do poeta,  
Continuava seu murmurio triste,  
Parecendo assim dizer-lhe que lamenta  
O ter promessa de guardar segredo

IV.

« Mulher, mulher ou anjo! exclama o vate,  
Pensei que ouvira a tua voz divina  
Tremar os canticos da nossa infancia.  
Amei-te, amei-te, Lidia! e tu, em premio,  
Traição, perjurio dás ao pobre Ervino.  
Oh! não te lembram essas meigas horas,  
Que tão velozes, para nós, corriam,  
Quando abraçados sob amiga sombra  
De olmo copado, te chamava minha!

. . . . .  
Ai! treme, ingrata, da justiça etherea,  
Treme! que a sombra do trahido amante  
Pairando sobre ti, clama : vingança! »

E o mancebo, amaldiçoando a vida,  
Com passo firme dirigiu-se ao rio.  
«Mulher! lembra-te ao menos que juraste...»

«Vivermos juntos ou morrer contigo!»  
Diz uma joven, que por anjo crêras,  
E junto ao bardo presto se arremeça.

«Suspende, Ervino, que a constante Lidia  
Cumprir seu voto vem, aos pés rojar-te  
Corôa de lírios que a virtude guarda,  
Argentea corôa que a nobreza ostenta;  
Uma que nasce quando nasce a vida  
E morre ás auras tábidas do vicio;  
Outra que arrasta na vaidade immersos  
Homens, que vendem por um preço indigno  
De suas filhas innocencia e... corpo.  
Arranca o diadema que me insulta  
Na fronte pura a virginal capella,

Cospe-lhe escarneos , vinga-te da affronta!  
Desfolha as rosas do pudor... são tuas!  
Que saiba o mundo, como nós sabemos  
Morrer para gozar, morrer de amores! »  
« Oh! Lidia, Lidia! exclama, e de joelhos  
O pobre Ervino cae silencioso.

. . . . .  
. . . . .

V

Silencio fôra, que durára eterno  
Se um grito d'alma o não interrompêra.  
Era a donzella que avistado tinha  
Proximos faxos acclarando o valle.

« Ervino, Ervino, o conde nos persegue;  
Salva da infamia a tua pobre Lidia!  
Meu Deus, piedade! » murmurava a triste,  
E aos ceus erguia as suas mãos de neve.

« Meu Deus, piedade! » repetia Ervino,  
E um brado monstro lhe saiu do peito.

« A morte! » disse e apontou as aguas,  
Que o vento agora baloiçar fazia.

« Ervino, Ervino, eu vou morrer contigo »  
Murmura a virgem. E abraçados ambos  
Vão os amantes sepultar-se unidos  
N' essa corrente que seus pés banhava.  
« Oh Lidia, um beijo! » disse o desgraçado.

Fôra o primeiro e o derradeiro fôra.  
Cantava o gallo na visinha aldeia.

VI

Ainda agora, dizem tel-os visto  
Em muitas noites, de joelhos ambos  
E abraçados 'stareñ longas horas.  
A' meia noite, quando o gallo canta,  
Ouve-se um beijo, que nos ares sôa,  
Depois o choque de dois corpos n' agua.

..... 1853.





?...

A M. DE M.

Este amor, que amor gerára  
N' ess' alma, que tanto amei,  
Este amor, chamma do inferno,  
Amor, amor... Nem eu sei...  
Mentira, que em sonho nasce  
E cresce e vive — existiu?  
Esse terno sentimento,  
Essa *verdade* — mentiu?  
— E mente.

Mulher ou anjo, que véte  
O pranto que chora a dor;  
Que, entre lagrimas sorrindo,  
Jurára amor por amor;  
Mulher ou anjo que firma  
Um juramento, — fingiu?  
Esse terno sentimento,  
Esse amor — nunca sentiu?

— Nem sente.

Meu coração era o bronze,  
Que dourára uma illusão;  
Aqui brilhavam teus olhos,  
Reinava o teu coração;  
E veio a deusa das maguas  
Chorar sobre elle; — chorou!  
Veio o demonio dos zelos  
Roubar-lhe o ouro; — roubou!

Ficára o bronze despido,  
Escarneo do temporal;  
E o açoite da procella  
Volvêra negro o metal;  
Em vez do ouro, cubríra-o  
Veneno de verde cor;  
O rancor vive no peito,  
Onde vivêra o amor.

Um sentimento, que nasce  
E cresce no coração;  
Um sentimento, que morre  
Quando morre uma illusão;  
Que dá mentiras douradas  
A quem mentiras lhe dá;  
Esse presente do inferno,  
Amor, amor — onde está?

Pallida estrella, nem brilha,  
Que mentira o brilho seu !  
Pallida estrella ! Nascêra ?  
No ceu brilhára ? morreu ?  
— Se nasceu, nasceu comigo ;  
Se viveu, não vive já ;  
Se vive ainda, que importa ?  
Se não morreu, — morrerá

## SONHAVA...

Nem as lagrimas. . . . .  
Quebram o sello do túmulo.

C. CASTELLO-BRANCO.

Irmã! era alta noite. Eu fui sósinho,  
Com sancta devoção,  
Prostrar-me junto á cruz do teu sepulchro,  
Rezar-te uma oração.

O mocho, n'alta cima do cruzeiro,  
Com lugubre piar  
Contava as tristes lagrimas sentidas  
De meu triste chorar.

O vento pela rama do arvoredó  
Soprava com furor ;  
Nem uma estrella, só, cortava o espaço,  
De negra, horrível cor.

E eu só, prostado junto do sepulchro,  
Rezava uma oração ;  
Pedia a Deus a irmã, um só instante,  
Ao menos em visão.

E, apoz um breve espaço, a fronte pouso  
Na pedra tumular,  
E os tristes olhos cerro, já cansados,  
Cansados de chorar :

« Senhor! a minha irmã era na terra  
    Consolo á minha dor;  
Morreu, meu Deus, morreu! tenho saudades;  
    Dexai-m' a ver, Senhor! »

. . . . .

E vi-te, minha irmã! mostrára a lua  
    Seu pálido clarão,  
Cessára o vento, estrellas mil brilhavam  
    Dos ares n' amplidão.

E vi-te, minha irmã! calára o mocho  
    Seu funebre piar.  
Formosa, despertaste e vens sorrindo  
    Meus prantos enxugar.

**E vi-te, minha irmã! serena a face**

**E pallida na cor :**

**« Irmão, disseste, irmão, eu venho dar-te**

**Consolo á tua dor! »**

. . . . .

**Sonhava! não podem suspiros e prantos**

**Quebrar essa lousa, que está sobre ti!**

**Irmã, eu sonhava! Não podem meus cantos**

**Fazer-te do empyreo baixar até aqui!**



## UM DIA.

(ENIGMA...)

De manhã tive uma esperança,  
De tarde tive um sorriso,  
Tive á noite um juramento...  
Em sonhos... o paraíso.

\*  
\* \*

Bella ondina, que se enrola  
E o sol namora, louçã,  
Era a esperança que eu tinha  
Tão formosa de manhã.

E quando a vaga desprega  
Os seios da cor da neve,  
Nos aljôfares, que fervem,  
Minh' alma sorrisos teve.

Tive á noite um juramento,  
Venturas... que alma gozou :  
— A ondina galgára a praia  
E a triste concha affagou...

\*  
\* \*

No seio puro das aguas  
Vem terra pesada e feia ;  
Fugira a vaga e deixára  
A concha... envolta n' areia.

## SÚPLICA.

Oh ! de ton doux sourire embellis-moi la vie !  
Le plus grand des bonheurs est encor dans l'amour.

V. HUGO, *Ode 4, liv. 3.*

A lua que preside aos nócteos canticos  
E vai na escuridão rasgando o espaço,  
Em rendas se rebuça por que a sombra  
Não vá tocar-lhe a fronte meiga e pallida.

Assim te circumdaste de uma auréola  
De amores, de belleza e de perfumes ;  
Estás no mundo só, e vais sem medo  
Da fria escuridão das almas perdidas !

E's bella assim, mulher ! — Se um riso candido  
Aos labios te assomar, serás archanjo.  
E's bella assim, mulher ! dormem saudades  
Nos olhos teus que embalas melancholica.

Oh ! volve-os para mim ! N'úm doce anhelito  
Envolve um riso que de amores falle !  
Eu hei soffrido tanto ! Accorda, oh virgem !  
E vem ao coração trazer-me o balsamo.

Eu hei soffrido tanto ! Oh ser angelico !  
Por um suspiro, só, eu fôra alegre,  
E a propria dôr sorrira-se la dentro  
Nos seios d' alma que affogára em lagrimas.

Archanjo do Senhor! as noites rapidas  
Levamos contando argenteas flores,  
Que brilham la no ceu; — por cada estrella  
Nós deramos um beijo... e assim morrêramos !



## DESTINO.

A L. D.

Notre existence est un livre,  
Qui nous tombe écrit des cieux.

MÉRY.

Cantou-me a desventura o genethliaco

No berço reclinada,

E a pallida tristeza, a deusa pallida,

A nenia regelada.

No campo brotam flores de alva tunica  
Singela revestidas,  
E lêo o seu destino sobre as petalas  
De pallidez cingidas.

A brisa, que perpassa melancholica,  
Lhes vai mostrando a morte;  
E n'harpa gemedora, em sons propheticos,  
Prediz a triste sorte.

Assim tive na vida um canto funebre  
De funebre alaúde;  
E vai assim, sereno e triste, o cantico  
Do berço ao ataúde!

Em sonhos de innocencia, anjo phantastico  
Eu vi mostrar-me flores;  
Dos labios desprendendo um riso candido,  
Fallar .. fallar de amores.



Sonhei !... Cantou-me a dor o genethliaco  
No berço reclinada,  
E a pallida tristeza, a deusa pallida,  
A nenia regelada.



## VENCI?

Meu anjo, lembrás-te de hontem,  
Quando a rosa a furto e medo  
Ouvia o nosso segredo,  
Pedindo que não lh'o contem,  
Porque a aragem caprichosa  
Lh' o roubaria, e a rosa  
Nos perdêra — a ti e a mim?  
— « Lembro-me, sim.

Ouviste os lábios, tremendo,  
— Partindo antes de nascida  
A confissão impellida  
Do peito que estava ardendo,  
— Perguntarem se amarias  
Quem te amasse; — e tu dizias...  
O que dizias, Ignez?  
— « Disse... talvez.

E tu ouviste sorrindo  
O que eu disséra chorando;  
E o meu amor, saudando  
O teu sorriso bem vindo,  
Pedi que um beijo me desses...  
Oh! que beijo, se o quizesse!  
Que te disse o coração?  
— « Disse que não.

Disseram que não teus labios,  
Porêm os olhos inquietos,  
Por serem menos discretos,  
Deram prova de mais sabios.  
Quando a sua chamma viva  
Desmentiu a negativa,  
Que disseste, Ignez, em fim?

— « Disse... que sim.

E vieste dar-me o beijo,  
Com que sellaste uma jura;  
Mas inda a minha ventura  
Não equalava o desejo  
Por ser minha, quererias  
Ser inda livre?... E dizias...  
O que dizias, Ignez?

— « Disse... talvez.

E depois, quando me ardia,  
No peito, mais vivo o fogo,  
Por não ceder a meu rogo,  
Prometteste de — se um dia...  
— « Se um dia me não amasses,  
Ser tua — se o confessasses. »  
Por amor... disseste então...  
— « Disse que não.

Pois venho aqui, animoso,  
Confessar que te não amo!  
Que adoração ora chamo  
Este culto respeitoso.  
Não te voto amor agora;  
Que não ama quem te adora!  
Sim, ou não? Venci alfim?  
— « Acho que sim.

## AS FLORES.

A M. DE S.

Era n'um lago inquieto; o cysne altivo,  
Rasgando o seio da encrespada vaga,  
Conduz a flor, a quem de longe a morte  
Accena triste, ou a esperança affaga.

De lá — margem risonha e doce e bella,  
Bem qual o amor nos sonhos do poeta;  
De cá — praia gigante e magestosa,  
Como deve de ser do grande a meta.

De lá — brilhante o sol, aqui — de fogo,  
De lá — pallida a lua, aqui — mais terna,  
De lá — as estações, matiz do tempo,  
Aqui — a primavera a rir-se eterna.

Um dia desprendeuse da haste amiga  
Um lirio, que rolou da praia ás aguas;  
Vagou, chegou á margem das grandezas,  
Tremeu, chorou, sorriu de gozo e maguas.

Vivia ali a flor das formosuras,  
Sonhada imagem de pintor ou bardo,  
Guardando a filha nos affectos d' alma,  
Como o segredo do que sinto eu guardo.

Eram ali. O lirio, que a saudade  
De prantos orvalhou, viu-as um dia,  
Olhou-as atravez da ultima lagrima :  
— A mãe estava serena, a filha... ria.



Depois...—Deus que os uniu, que poz o lirio  
A salvo da tormenta, ao pé da rosa,  
Bem sabe quanto amor foi nos sorrisos  
Da pequenina flor... — fêl-a ditosa.



**SEMPRE !**

. . . . .  
**E vem as dores**  
**Para minh' alma,**  
**Como as estrellas**  
**A' noite vem ;**  
**Surge a primeira**  
**E apoz instantes**  
**Milhares d' ellas**  
**O espaço tem.**

Si cada estrella  
E' fonte em brilhos,  
Por onde, em calma,  
Se esparge a luz,  
São meus pesares  
Ardentes feridas,  
Por onde est' alma  
Pranteia a flux.

Demonio bello  
Sorve-me o pranto  
Por lábio puro  
De anjo ou mulher,  
E vai depol-o  
Nos olhos d' ella,  
Que, negro, impuro,  
Dá-m' o a sorver.

E'-te a minh' alma  
Um purgatorio  
Onde o veneno  
Tu vens despir,  
Porque mais tarde,  
Ja pura, em seios  
De amor sereno  
Possas dormir.

Que importa um riso,  
Que vale o pranto,  
Mesmo o remorso  
Que vale em fim?  
Se eras demonio,  
Ficas archanjo;  
Se eu me retorço  
No abismo assim!

Ergue-te ao menos,  
Embora eu role  
Do ceu ao inferno,  
Do inferno á dor!  
Ergue-te ao menos...  
E não me olvides  
No gozo eterno  
Do teu amor!

Embora arraste  
Pesada a vida,  
Que a magua ardente  
Me envenenou,  
Eu não sou aspide  
Que ao pé se enrosca  
Do imprudente  
Que a espesinou.

Serei o escravo,  
Que do tyranno  
A mão affaga  
E o seu grilhão;  
Serei o arbusto  
Que odores solta  
Se em terra o esmaga  
Negro aquilão!

Mas não me olvides!  
Que embora eu role  
Do ceu ao inferno,  
Do inferno á dor,  
Ha de seguir-te  
Meu pensamento,  
Phantasma eterno  
Do nosso amor!





## DESENGANQ.

*Factus sum peregrinus... et quæsi vi  
qui simul contristaretur, et non fuit.*

Tu eras como a brisa fugitiva,  
Que vai por entre as flores  
Mentir um beijo, murmurando triste  
Seu cantico de amores.

Tu eras como a deusa dos amantes,  
Que pelo ceu escuro  
Perpassa em branca auréola envolvida,  
Guardando o seio puro.

Tu eras toda amor, toda belleza,  
Que amores te guardavam ;  
E os olhos teus, volvendo descuidosos,  
Os nossos captivavam.

Mas foste como a sombra ! em quanto, louco,  
Segui meu ledo encanto,  
Fugindo-me sorrias desdenhosa,  
Porque eu te amava tanto !

E quando fatigado me sentára  
Na estrada que seguia,  
Ouvi o labio teu soltar um hymno,  
E vi que me sorria.

E creu-te o coração! erguendo o vôo,  
Seguiu seu ledó encanto;  
E eu, cego! caminhava atrás do louco...  
Mas se te amava tanto!

Ai, cego, caminhei! O desengano,  
Severo e tardo amigo,  
Achei-o já no templo... junto a um homem  
E um padre... e Deus contigo!

E, só, embalde lagrimas piedosas  
Peço ao mundo que adoras!  
Só tu me adivinháras os queixumes...  
E tu, mulher, não choras.



## DOIS ANJOS.

### CANÇÃO.

Un ange est dans ma nuit

V. HUGO, *Odes*, liv. 3.

Um só existe, na terra,  
Dos dois anjos que eu amei;  
E' quem me ampara na luta,  
Que com a sorte travei.

E' quem me ampara. — Meu anjo,  
E's, n' este cahos de horror,  
A minha fanal estrella,  
O meu deus, o meu amor.

Quem eu sou não sabe o mundo;  
Nem queiras saber-o, não?  
Que importa á rôla, que vôa,  
O verme que está no chão!

O homem que, mudo e quêdo  
Sobre a rocha, estatua em pé,  
Contempla um astro, — donzella,  
Pergunta o astro quem é?

Nem a lua casta e pura,  
Que adoram tantos mortaes,  
Como tu, virgem, pergunta  
Qual d' ellês a adora mais.

Tu és pois a minha estrella,  
A minha estrella polar,  
Eu sou... um homem que passa,  
Que vive por te adorar.

Tu só existes, na terra,  
Dos dois anjos que eu amei ;  
E's quem me ampára na lucta,  
Que com a sorte travei.

Se tive outro anjo formoso,  
Se tive outro anjo... morreu !  
E'-me estrella veladora,  
Mas essa... brilha no ceu !

1856.





**VIVE !**

**Quest' anima gentil che si diparte ,  
Anzi tempo chiamata all' altra vita.**

**PETRARCA, Son. 24.**

**Oh virgem ! como a flor dormindo á borda**

**Do campo, junto ao mar,**

**Sonhando amores, ri-se e não accorda**

**Da vaga ao murmurar,**

Tu vives reclinada no sepulchro,  
Que a dor te prometteu;  
E dormes e sorris um riso pulchro,  
Sonhando-te no ceu.

Eu quero ver-te assim. És bella, és bella,  
Eu quero ver-te assim !  
Não tombes, anjo meu! o sol e a estrella  
Não morrem, não tem fim.

E' triste a sepultura! se tem flores,  
E' sobre a pedra, só;  
Lá dentro nem ha luz, nem tens amores,  
Tens cinza e terra e pó!

Repousa a face aqui. A meiga pomba,  
Que pelo espaço vae,  
Se o tiro a fere, vôa e vôa... e tomba,  
Mas entre flores cae.

Eu quero ver-te assim! Alva saphira  
Que á noite vive e luz,  
Se o dia vem matal-a... oh! não expira,  
Vae viver entre a luz.

Não tombes, anjo meu! Se no horisonte  
O sol tocando vês,  
Apoia-se n' um raio e galga o monte,  
Mas renasce outra vez.

Repousa a face aqui. És bella, és bella,  
Eu quero ver-te assim!  
Ai vive, archanjo meu! o sol e a estrella  
Não morrem, não tem fim!



## **SILENCIO !**

**Imitação do hespanhol.**

**Tua voz argentina, roçando em minh' alma,**

**Prazer e doçura**

**Voando me deu,**

**E em melico sôpro senti essa calma,**

**Que amor, em meu peito,**

**Sublime, verteu.**

O que ha n'este mundo que deva egualar-se

Aos doces encantos,

Que n' alma resumes!

Que bardo ao ouvir-te deixou de inspirar-se

Nas flores que o labio

Desparge em perfumes!

Mas ai! que meus sonhos, de meiga tristura,

Enganam se offerecem

A paz do amor;

Debalde procuro sonhada ventura,

Que as pênas extinga,

Que rasgue esta dor!

Errante no mundo, qual orpham perdido,

Meus ais e queixumes

Recolhe-os a brisa;

E embalde eu anelo que um ente querido  
Me doure a existencia  
Que, negra, desliza.

Se tu me sorríras, archanjo mimoso,  
Rasgára-se a treva  
Da aurora ao sorrir;  
E o sol do passado, morrendo invejoso,  
Deixára os espaços  
Ao sol do porvir!

Mas ai, desventura! que eu sei que deliro,  
Eu sei que não posso  
De amores fallar-te!  
Ao menos recebe meu terno suspiro,  
Que as rosas d' est' alma  
Não posso offertar-te.

Silencio! teus labios não fallem agora,  
Se os labios affirmam  
O mudo — talvez —;  
Prazeres que matam noss' alma, senhora,  
Não devem sentir-se  
Siquier uma vez.



## SONHANDO.

..... C'est elle  
Qui fait dans le sommeil veiller l'âme immortelle.

É. DESCHAMPS, *Rom. et Jul.*

As cordas da minha lyra  
São presas no coração,  
Como os teus cabellos de ouro  
Pendentes da fronte vão.

Se alegre vôas, fingindo  
No jardim inquieta flor,  
Na trança dedilha a brisa  
Hymnos de festa e de amor.

Mas, se triste a face inclinas,  
Donde a côr perdida está,  
Nos lassos fios dourados  
Gemidos a brisa dá.

Assim a lyra já frôxa,  
Que outr' ora cantou feliz,  
Um só dos hymnos festivos  
Em vozes de amor não diz.

Se quero roubar-me ás dores  
E scismar no que eu gozei,  
Ai... fecham-se os olhos d' alma  
E sonho... Sonho, bem, sei!

E vejo-te á beira Lima...

Se a vista no rio tens,

Choram as rosas, carpindo

Os teus amargos desdens.

Mas, se um riso lhes concedes,

D'aquelles que eu te pedi,

Fogem as aguas, gemendo

Saudades que tem de ti.

Se a face, vergando a amores,

Tu pousas nos labios meus,

As rosas, pendendo o calix,

Murmuram zeloso adeus.

. . . . .  
. . . . .  
. . . . .  
. . . . .

**E eu deixo-me arder em fogo,  
Puro fogo que ateei...  
E durmo em extasi aerio...  
E sonho sempre... bem sei!**

## POIS SIM...

Je te donne à cette heure,  
Penché sur toi,  
La chose la meilleure  
Que j'aie en moi !

VICTOR HUGO, *Voix intérieures*.

‘ Não quero o teu amor; do que eu desejo  
‘ Bem pouco me darás. ,  
« Dar-te-hei no coração, que aos pés te rojo ,  
« Ventura, amor e paz.

«Silencio, minha bella! a negativa,  
«Que o labio desprender,  
«Algema-a o coração. Crê que te adoro,  
«Depois... has de ceder. »

‘Não cêdo! que perdida, a sós no mundo  
‘Ha tanto, busco em vão  
‘Um peito em que repouse! Estou cansada!,  
«Ahi tens meu coração.

«Pastorinha do valle, buliçosa,  
«A relva contemplou,  
«Tapete de esmeralda, que a sentar-se  
«A bella convidou. »

‘Por baixo da macia verde planta  
‘Quem sabe se estará  
‘Um cardo arranhador, que á pastorinha  
‘Cravar o espinho vá! ,

« Assim pensára a linda camponeza ;

« Vacilla... e teme a dor. »

‘ E’ justo que não dê ao cardo um gozo,

‘ Se o negar ao pastor. ,

« Levanta-se um combate entre o desejo,

« E o medo de se ferir ;

« Appellam para o arbitro, que deve

« A lucta decidir.

« Propensa á affirmativa a pastorinha,

« Que é victima e juiz,

« Deseja... vai sentar-se... » — ‘ Mas o cardo ! ,

« Receia... e nada diz.

« Pretende um passo dar... ai ! Foi um grito ...

« Depois disse : — talvez. »

‘ Ai, pobre pastorinha ! eram espinhos

‘ A magoar-lhe... os pés !,

« Venceu ! » ‘ Quem ?, « O desejo. Abraça a relva... »

‘ E o resto?... , « Não direi... »

‘ Dormiu ? sonhou ? soffreu ? estava agitada ? ,

« Silencio... eu cá não sei. »

‘ Oh ! dá-me o teu amor ! , « E dás-me um beijo ? »

‘ E o cardo?... , « E o sonho?... » ‘ Enfim...

‘ Mas guardarás segredo ? , « Guardo... e agora ? »

‘ Queres ? , « Quero ! » ‘ Pois sim. ,



## RECORDAÇÕES.

Era bello esse tempo da vida  
Quando est' harpa fallava de amores...

A. HERCULANO.

I

Perdidos restos apenas  
De amenas canções d' outr' ora  
Agora, quebrada a lyra,  
Suspira saudosa assim;

E embora que no horizonte  
Desponte placida a aurora,  
Embora! minh' harpa, triste,  
Se existe, pranteia assim :

II

La vae correndo ao largo,  
Amargo, o som do canto,  
Que em pranto a face linda,  
Lucinda, te orvalhou;  
La vae, la vae perdido  
Gemido de agonia,  
Que envia a dor que mata,  
Ingrata, quem te amou.

Que importa pois que a vida,  
Transida de amarguras,  
Venturas não aguarde  
E guarde a sua dor!

Ninguém lhe escutaria  
Um dia o seu queixume;  
Ciume, que a roçára,  
Crestára lhe o verdor.

Mas lembro que á tardinha,  
Sósinha passeando,  
Deixando o passo incerto  
Vir certo para mim,  
Sorrias quando a rosa,  
Raivosa por inveja,  
Te beija o pé ousado  
Entrado no jardim.

E lembro, quando a lua  
Fluctua pelo espaço,  
Que, o braço rodeando  
O brando corpo teu,

Pendia-te o cabelo  
No bello peito inquieto,  
Que o veto punha eterno  
No terno candor seu.

E vejo, alem na balsa,  
Que a salsa verde-esmalta,  
Mais alta que a alaméda  
A méda que eu ergui;  
A' sombra do centeio,  
No seio, ao meu casado,  
Vedado embora aos beijos,  
Desejos accendi.

Fechando os olhos vivos  
Captivos de ternura,  
E a pura face, ardendo,  
Pendendo para o chão,

Tentavas defender-te,  
Vencer-te, que, vencida,  
Perdida te suppunhas...  
... E oppunhas força em vão...

Depois... silencio tudo,  
Que o mudo arfar da brisa  
Desliza, vagaroso,  
Meu gozo á bafejar...  
Depois... silencio ainda,  
Lucinda, em quanto airosa  
A rosa, que insultaste,  
Deixaste levantar!

III.

E quando a aurora, desdobrando o manto,

Que em meiga luz sepulta]

As lucidas estrellas,

Te visitára o leito, — viu que o somno

Os olhos teus occulta

E prende as fórmas bellas.

E quando o sol, erguendo a face altiva,

Que doura o céu cerúleo,

Te foi beijar ditoso...

**Viu-te nos braços de um rival ousado,  
A quem de amor o ecúleo  
Fôra throno de gozo!**

. . . . .  
• . . . .



IV

E como lembrança apenas  
De amenas canções d' outr' ora,  
Agora minh' harpa, triste,  
Se existe, pranteia assim :

Ai! minha rôxa saudade!  
Quem ha de sarar-te as chagas,  
Se esmagas todo o desejo,  
Que vejo nascer em mim!



## ELEGIA.

A' MEMORIA DE J. DE PINHO E CAMPOS.

Moi, ma douleur m'éprouve et mes chants viennent d'elle.  
Je souffre et je console, et ma muse fidèle  
Se souvient de ceux qui sont morts.

V. HUGO, *Ode 4*, liv. 4.

La quando a aragem murmurar um cantico  
De ciciante rima,  
Accorda, amigo, porque vem da patria,  
Ai, vem do nosso Lima!

**E quando a aurora te orvalhar o túmulo,**  
**Colhe o pranto amargoso;**  
**La tens dois anjos a carpirem maguas**  
**E tens o irmão saudoso.**

I

Vês, amigo, o sol no occaso?  
Deixa-o descer. Vê-o agora :  
Nasceu, viveu e o que fôra  
Ja não é. — Morreu acaso!

Morreu! E a dor e a alegria,  
Que dourou com sua gloria,  
Tem uma data na historia  
Presa á pagina do dia.

E quando volver a idade  
No livro mais uma folha,  
O pranto, que então a molha,  
Marcará nova saudade.

II

Como da arvore, na serra,  
As folhas, que se desprendem  
E pela terra se estendem  
Até se fazerem terra,  
Gozam do orvalho saudoso,  
Que das irmãs vae caindo,  
Té que estas, o chão cubrindo,  
Lhes roubam seu triste gozo ;  
Assim na campa um amigo  
Os nossos restos orvalha,  
Té que a morte os seus espalha  
Junto do nosso jazigo.

III

Era ao morrer da tarde;  
O ceu ia trocar o manto azul  
Por esse pardo, que lhe dava a noite,  
Ao bafejar do sul.

Alem no occidente  
As nuvens se accastellam; e o vapor  
Negro na base, tem soberba corôa  
De purpurina cor.

A mão da Providencia  
Parece que uma brasa collocou  
N' um mausoleu de cinzas, — epitaphio  
Do que ali se queimou!

**E como se consome**

**Da fria sepultura o — aqui jaz —**

**Vai o sol retirando o igneo braço,**

**Que arder a nuvem faz.**



VI

. . . . .  
. . . . .

« Eu vou deixar a patria ! » Era a saudade  
Antecipando as dores.

« Eu vou deixar familia e ceu e terra,  
« Terra dos meus amores.

« E vejo alem, por cima do horisonte,  
« A perpassar a sorte;

« E' ella quem me chama, e vou e creio  
« Que diz ventura ou morte!

« Oh mãe! tu que do ceu me tens guiado,

« Estrella bemfazeja,

« Diz se a desdita n' essa nuvem paira,

« Ou se a fortuna adeja;

« Que eu vou deixar a patria! » Era a saudade

Gemendo prematura.

E assim gemêra o Lima que deixava

Dos campos a verdura.

— Irmão, eu vou ~~tambem~~! ~~Vê~~ no horizonte

A nuvem que se ~~augmenta~~;

~~Metade~~ é cor de púrpura e ~~tem~~ sangue,

~~Metade~~ é pardacenta.

— Quem sabe qual de nós ~~terá na vida~~.

O fogo que ~~alem~~ arde,

E a qual se ~~desfará cedo a existencia~~

Como ao vapor ~~da tarde~~!

V

E quando ao nascer d' alva  
Soprou brisa do norte,  
Nos braços do oceano  
Puzemos vida e sorte.

E como a vaga, que se embala e dorme  
E vae, no resvalar, de praia a praia  
Um gemido quebrar:  
Assim dormiu a dor em nossos peitos  
E, quando o coração viu terra estranha,  
Sentiu-a despertar.

Porque choraste, amigo!  
Pensavas que a desdita

Te roçaria n' alma  
A su' aza maldicta.

E como o lirio que vergando o calix,  
Verte o rocío que espargíra a aurora,  
E ri-se ao pôr do sol;  
Seccou-te o pranto e predisseste um gozo...  
Mentiu-te a prophecia! foi-te o riso  
Vespertino arrebol.

Longe da tua patria  
E longe da familia,  
Tiveste uns olhos bellos  
Dourando-te a vigilia.

Como a estrella, que accende o pyrilampo,  
Brilha n' outro hemispherio, quando a aurora  
Ao verme rouba a luz,

Fugira o teu archanjo e foi sorrir-se,  
Em quanto sôbre um leito de agonias  
Se pendurava a cruz!

VI

E assim morreste, amigo  
E assim pendeste a fronte;  
Bem como a nuvem aurea  
Se affoga no horisonte!

\*  
\* \*

E quando a aragem murmurar um cantico  
De cicicante rima,  
Accorda, amigo, porque vem da patria,  
Ai! vem do nosso Lima.

**E quando a aurora te orvalhar o túmulo,**

**Colhe o pranto amargoso;**

**La tens dois anjos a carpirem maguas**

**E tens o irmão saudoso.**





## **A UMA ARTISTA.**

**Bem póde a rosa**

**Formosa,**

**De seus encantos vaidosa,**

**Morrer aos raios do sol ;**

**Bem póde a estrella,**

**Que véla**

**Os cantos da philomela,**

**Sepultar-se no arrebol.**

Mas tua gloria,  
Que a historia,  
Da sua eterna memoria  
Gravar nas paginas vi,  
Não ha um genio,  
Que premio  
Conquistasse no proscenio,  
Que venhar roubar-t' a aqui.

E póde a saphíra,  
Que fulge nos ares,  
Morrer offuscada  
Por humido veu;  
E póde a florinha,  
Que as auras saccodem,  
Dar folhas á terra,  
Perfumes ao ceu.

Não ha de a inveja,  
Que beija  
A poeira em que rasteja,  
Erguer a face do chão!  
Tinhas tu, por castigal-a,  
Um povo que a ti vai preso:  
Tinhas a dar-lhe o desprezo  
A piedade... e o perdão!

**Mat**

**Da s**

**Gra**

**N**

**Col**

**Qu**

C R E D O.

C A N Ç A O.

Car jusques à la mort nous espérons toujours.

ANDRÉ CHÉNIER, *l'Aveugle*.

A ti, meu anjo, no scismar da noute

Vôa minh' alma.

Quebro a catasta, despedaço o açoute,

Regeito a palma!

Martyr da sociedade,  
Esqueço-a por lembrar-te;  
Na imagem da saudade  
Embora, eu hei de amar-te.

A ti, meu anjo, no volver das horas  
A alma esvoaça,  
Quando ao Eterno para mim imploras  
Contra a desgraça.

E a virgem da saudade,  
No meu sonhar eterno,  
Mistura a mocidade  
Aos gelos d' este inverno.

Qual a florinha, que o tufão abala,  
Vae á flor d' agua,  
Voga a lembrança, que o passado embala.  
Sobre esta magua.

Do amor e da amizade  
Ficou toda a memoria  
Na estatua da saudade,  
Na lapide marmórea.

A ti, meu anjo, no scismar das horas  
Vôa minh' alma;  
Sonho, mas creio, que por mim imploras  
Placida e calma.

O escarneo, embora, na minh' alma triste  
Verta a esperança no sorriso trédo;  
Lembro o passado, — e no futuro existe  
De amor o credo!





## A UM POETA.

È dolce al misero ,  
Che oppresso geme ,  
Il duol dividere ,  
Piangere insieme ,  
In cor sensibile  
Trovar pietà.

*Semíramide* , att. 2 , ac. v .

Que trovas sobem da terra  
Nas azas da viração?  
Rasgando o seio das nuvens,  
Aos ares soltando vão

Em cada nota um gemido,  
Uma dor de um coração !  
E quantas maguas traduzo  
Em cada terna canção !

Mancebo, se ao mundo contas  
O pungir da tua dor,  
Sorri-se o mundo e duvida  
Que tanto soffra o cantor.  
Poeta, se vais á lua  
Fallar-lhe do teu amor,  
A lua perpassa altiva,  
Nem sorri ao trovador !

Se vais, da rocha suberba  
Que se eleva junto ao mar,  
A's vagas, que á praia morrem,  
O teu segredo contar ;

Altivas erguem o colo  
E vem a rocha assoutar;  
Que as vagas não se commovem  
Ao teu sublime chorar.

Se vais ao prado florido  
Contar á branca cecém  
O soffrimento do vate,  
As dores que n' alma tem;  
Sórri-se leda a açucena  
E diz que soffre tambem :  
« Se choro pranto amargoso,  
Chorar comigo quem vem? »

Irás, poeta, que deves  
Consolar a triste flor;  
Que sabe a pobre innocente  
Comprehender a tua dor;

Que foi mulher desgraçada,  
Lindo archanjo do Senhor,  
Contar á bella açucéna,  
Segredos de um triste amor!

## **RECORDA !**

**( DE A. DE MUSSET. )**

**TRADUZIDO VERSO POR VERSO E NO MESMO METRO.**

**Lembra-te sempre, quando a aurora tímida  
Ao sol franqueie as amplidões do ceu ;  
Lembra-te sempre quando a noite languida  
Passe, dormindo, sob o argenteo veu ;**

E ás vozes do prazer, que ao seio teu palpita,  
E á noite, ao meditar que a sombra n'elle agite,

Escuta no arvoredor

A voz que diz a medo :

— Recorda!

Lembra-te sempre, quando a sorte pallida  
Me arroje ao longe — e, separado assim,  
Quando no exilio o soffrimento livido  
Me rasgue o peito,— lembra-te de mim!  
Medita em meu amor, no adeus extremo pensa!  
Do tempo o decorrer não vale quando ha crença.

Meu coração saudoso

Dirá no arfar queixoso :

— Recorda!

Lembra-te sempre, quando, em frio túmulo,  
Gelado o peito que te amou dormir;  
Lembra-te sempre, quando as alvas petalas

Venha na lapide a florinha abrir :

E eu não te verei já ! porém minh' alma eterna

Pousar ao pé de ti virá qual irmã terna,

E á noite o murmurinho

Segredará baixinho :

— Recorda !





## LUCIA.

*Imitação do francez de Alf. de Musset.*

AO EX. CONSELHEIRO J. F. DE CASTILHO.

Plantai, amigos, um chorão saudoso  
Junto da pedra que me guarde as cinzas;  
Amo a tristeza, que lhe vérga as folhas,  
E as doces lagrimas.

Ligeira sombra, que desdobre eterna  
De feza aos raios, que do sol baixarem,  
Seja da lousa a perennal roupagem  
E o manto funebre.

\*  
\* \*

•

Era á tardinha quando, a sós comigo,  
Pendendo a fronte, no scismar de virgem,  
Lucia tremia no teclado eburneo  
Leves murmurios.

Brisa ligeira — que, roçando apenas  
Sôbre a folhagem que adormece as aves,  
Teme accordal-as, — não será mais doce  
No canto rapido.

Tenue volupia, que de noite impera,  
Do roseo calix nos odores fuge;  
Os verdes ramos vagarosas movem  
Antigas arvores.

Pelas janellas, que o jardim contemplam,  
Por onde os astros namoravam Lucia,  
Bafeja o campo solitario e triste  
Perfumes tepidos.

Quinze florinhas da grinalda nivea  
Marcam seus annos, que deslizam brandos;  
Pallida e loura, n' um olhar espelha  
O azul da abóbada.

Quanta pureza lhe habitava n' alma  
Pendendo a fronte no scismar de virgem !  
Na mão pequena, que invejavam lirios,  
Pousei-lhe um osculo.

Senti, ao vél-a, que mitiga as dores  
Abril na face, primavera n' alma,  
Symbolos gemeos que a innocencia douram  
E a paz angelica.

A' luz de um raio, que vertêra a lua  
E lhe argentára a pallidez do rosto,  
Lucia mirou-se nos meus olhos ternos  
E deu-me um cantico.

. . . . .  
. . . . .

Oh filha do soffrer, doce harmonia!  
Verbo que para o amor creára o genio  
Que a Italia aos homens dá e o ceu á Italia!  
Linguagem d' alma, aonde o pensamento,

Timido archanjo de um alvor perigoso,  
Adeja erguendo o veu sem medo ao mundo  
— Quem sabe o que a innocencia diz e escuta  
N'um teu suspiro, que do seio exhala,  
Nascido d'alma que a tristeza habita,  
Fallado em vozes que a doçura espargem !  
N'um volver d'olhos, no assomar do pranto  
Vê-se uma lettra; mas depois... Misterio !  
Como o segrêdo do gemer das ondas,  
Salmear do bosque, solidão da noite.

E ali, sósinhos, contemplava Lucia;  
E o som do canto se enroscára ás nuvens,  
Emquanto a face no meu peito inclina.  
— Gemeu Desdémona eu teu seio acaso?  
Pobre innocente, que choravas tanto,  
Deixaste o labio meu tocar teus labios,  
E a dôr do coração calou-te o pejo.

Placida e fria, como te abraçara,  
Passados dias te escondêra a lousa...  
E assim pendeste, flor da castidade!  
E a morte, doce qual te foi a vida,  
Levou-te a Deus em berço de açucenas.

Lêdos mysterios que a innocencia goza,  
Canções, sonhos de amor, sorrir da infancia,  
E tu, encanto d' alma que prendeste  
O Fausto ao liminar de Margarida,  
Candor da puberdade! — onde vos guarda  
O vosso archanjo pallido?

Paz a tu' alma, Lucia! adeus! Bem cedo  
A tua mão de neve sobre as teclas  
Deixou de voltejar, bordando um hymno!

\*  
\* \*

Plantai, amigos, um chorão saudoso  
Junto da pedra que me guarde as cinzas;  
Amo a tristeza que lhe vérga as folhas,  
E as doces lagrimas.  
Ligeira sombra, que desdobre eterna  
Defeza aos raios que do sol baixarem,  
Seja da lousa a perennal roupagem  
E o manto funebre.

Plácida e fria, como te a  
Passados dias te escondi  
E assim pendeste, flor  
E a morte, doce qual  
Levou-te a Deus em

Link's mysteries  
Canções, sonho  
E ra, encanto  
O Fausto ao  
Candor da po  
O vos

Par a tu' alma  
A tua mão (de  
Deixou de s



## A LAGRIMA.

Como a gota de orvalho se pendura  
Na folha d' arvore, aguardando o beijo  
Das auras, sonoro,  
Assim na mole palpebra  
Debruças uma lagrima,  
Que espera o labio meu, no puro almejo,  
Sorver ditoso.

Como a gota de orvalho se desprende,  
Da folha, sôbre a rosa purpurina  
E aguarda a mariposa,  
Assim na face candida  
Se deslizou a lagrima,  
Que vai no labio meu, perla divina.  
Dormir ciosa.

E como o pranto d' alva se desprega  
Da rosa, na papoula que se agita  
E aguarda o sol ardente,  
Assim no seio tímido  
Se te escondeu a lagrima,  
Que o labio meu deseja, Morenita,  
Sorver contente.

Mas não sou brisa  
Nem mariposa,

Que agite a folha  
Que beije a rosa ;  
E em fogo os labios  
O sol não veste,  
Que das papoulas  
O orvalho créste;  
Sou teu escravo !  
— De amor e medo  
Me escondo á sombra  
Do meu segredo.



## VOA, SAUDADE!

NO ALBUM DE A. G. DE G. F.

Mas a alma, que de cá vos acompanha  
Nas azas do ligeiro pensamento,  
Para vós, aguas, vòs e em vós se banha.

CAMÕES, *Sonn.*

« Saudade! gôsto amargo de infelizes, »  
Pallida virgem que do Sêna ao Tejo  
Um bardo conduziste em doces maguas!  
Desdobra essa aza que branqueia as dores!

Sorve-me a lagrima que espreita á palpebra,  
Ultima perla de exaurido cofre,  
Gasto anodino para as dores d' alma!  
Sorve-a, saudade! e vai, rasgando o espaço,  
Mergulhal-a nas aguas transparentes  
Do patrio Lima, — Lethes de quem fica,  
Mas não de quem se parte. Alva saudade,  
Roça tu' aza que a esperança esmalta,  
N' aquelle coração, por quem nasceste!  
Oh! pede-lhe um suspiro! e quando a aragem  
Vier da patria, voltarás com ella!  
Ai... traze o pranto que me orvalhe os olhos  
Cansados de chorar. — Vòã, saudade!  
E pede-lhe um suspiro... Mas, se ao labio  
O feio escarneo voltejar em risos,  
— Quêda-te embora, que manchada e negra  
Não quero ver-te, mariposa branca!  
Fica-te embora! e para mim, saudade,  
Lembra-me o Lethes, porque olvide o Lima!

## **MENTI!**

A \*\*\*

**Menti, menti... é verdade!**

**Nunca te amei... Foi mentira**

**O juramento que fiz!**

**Quando, aos pés de uma beldade.**

**O coração nos delira,**

**O que ali sente não diz...**

Amei-te? Não, enganei-me;  
Quiz dizer-te o que sentia  
E tive medo de ti.  
Ia dizer-t' o... calei-me,  
Que o coração presentia  
O abysmo, que estava ali.

Guardei no peito o segredo  
E, por fugir-lhe ao martyrio,  
Disse — amor — o coração...  
Menti, menti... tive medo!  
— Não é amor... é delirio  
N' um fogo de adoração.



## A ELISA.

VERSOS PARA UM DRAMA.

Ton souvenir sera, dans mon âme attendrie,  
Comme un son triste et doux qu'on écoute longtemps.

V. HUGO, *Odes*, liv. 3.

Como o ribeiro, que desdobra rapido,  
Ama da estrella o scintillar inquieto,  
Amo teus olhos, que, no fogo timido,  
Vem reflectir-se no sonhar dilecto.

Como na praia do areal um atomo  
Ama das ondas o partir nevado,  
Amo teus risos, que descobrem perolas  
Dormindo em leito de setim rosado.

Como dos ramos no arquejar monotono  
Ama a avezinha balançar-se á brisa,  
Amei teu seio no palpito languido]  
Quando a meu seio te prendia, Elisa.

E como o bardo no sonhar phantastico  
Ama a lembrança que levou da festa,  
Adoro o sonho, que despargê balsamos,  
Amo a saudade, que de ti me resta.

## ANJO DA MORTE.

*Sub umbra alarum tuarum protege me.*

Se pairas sôbre mim, anjo da morte,  
E queres conquistar-me,  
Desce, que és anjo! e desmentindo a sorte,  
Vem um anjo beijar-me.

Que eu nunca tive quem na terra, ao menos  
Fingindo eterno riso,  
Me transportasse dos jardins amenos  
Ao roseo paraíso.

Que eu nunca tive, — pelo amor ignoto  
Que vae aqui n'est' alma,  
Mulher querida que, rasgando o voto,  
Me não roubasse a palma!

Se pairas sôbre mim, anjo da morte,  
E queres arrastar-me,  
Primeiro que o teu braço me transporte,  
Vem a frente beijar-me.

E que o teu beijo, — sombreando a face  
Que as lagrimas sellaram,  
Me desfigure ê, quando o sonho passe,  
Me occulte aos que ficaram.

Se pairas sôbre mim, anjo da morte,  
E queres conquistar-me,  
Desce, bem vindo! por dourar-me a sorte,  
Virás, anjo, beijar-me!

## PRANTOS.

N' UM ALBUM.

Petalas alvas ou purpureas petalas  
Abre a florinha na manhã primeira,  
Placida aurora, despargindo perolas,  
Rega-lhe o seio que beijou fagueira.

E as brancas rosas que despertam languidas  
E se esperguiçam respirando amores,

Sõem saudal-a em perfumados canticos,  
Tacitos, bellos, como cantam flores.

Auras ligeiras perpassando timidas  
Roçam-lhe a fronte virginal ainda,  
E vão ao longe, dedilhando a cythara,  
Dizer ao mundo que a innocente é linda.

. . . . .

Todos saudaram a florinha candida,  
Deram-lhe risos, murmuraram cantos,  
Deram-lhe amores, espargiram perolas,  
Deram-lhe beijos — e... levei-lhe prantos!

**EM FIM !...**

**Quebraste emfim! — Vi-te erguida,  
Como essa vaga vaidosa,  
Que vem lambar a conchinha  
Perdida em praia escabrosa,  
E volta ao lago suberba,  
Segredando ás outras vagas  
Morta esperança da concha,  
Que fica, só, entre as fragas.**

Desdobram duas e muitas,  
Sorrindo todas á triste;  
— Perdêra-te ella dos olhos  
E tu de longe inda a viste.  
E vive a concha sósinha,  
E espera, e espera... Coitada!  
Que são as ondas voluveis,  
Mente-lhe a phrase nevada!

E tantas passam, e tantas  
A pobre concha namoram,  
Que ella ama a que ora desdobra,  
Olvidando as que já foram.  
Passára um dia uma perla  
Fugida ao seio dos mares,  
Sorriu-se á concha perdida,  
Doeu-se dos seus pezares.



E em cima d' esse rochedo,  
De verde musgo adornado,  
A rosa dos puros gozos  
Serviu de leito ao noivado...  
E ja mais tarde, alta noite,  
Ergue-se o mar, brame, avança...  
Todas as vagas unidas  
São uma só, na vingança!

Desdobra altiva, ergue o collo,  
Rasga-se junto ao rochedo,  
Salta-lhe a raiva espumante...

. . . . .

Volve-se a concha sem medo,  
E a pura flôr dos prazeres  
Esconde mais um segredo...

. . . . .

Quebraste enfim, como a vaga

Quebrou d' encontro ao rochedo!

## HOJE...

NO ALBUM DE J. F.

Un jour de fête,  
Un jour de deuil;  
La vie est faite  
En un clin d'œil.

MÉRY.

Marca a saudade, que a minh' alma sente,  
Lagrima ardente que m' escalda a tez.  
Hontem venturas — e a ventura passa;  
Hoje... a desgraça e amanhã, talvez!

Longe de tudo que n' ést' alma cabe,  
Tenho a saudade que d' ausencia vem ;  
Doces carinhos, que eu gozára outr' ora,  
Teu filho os chora, minha pobre mãe.

Ja no reflexo da gentil miragem  
Não vejo a imagem, que na infancia vi ;  
Não tem as aves, quando nasce o dia,  
Essa harmonia que lhes conheci.

Não tem perfumes as florinhas bellas,  
Nem vós, estrellas, para mim brilhais ;  
N' harpa da brisa ja não tenho um canto,  
Só tenho pranto que me orvalha os ais.

Candida estrella da rosada aurora,  
Annunciadora da feliz manhã,  
Não vem saudar-me com sorriso pulchro  
Junto ao sepulchro de chorada irmã.

Sôbre a muralha, que o meu berço encerra,  
Echos de guerra para mim não são;  
Nem ja me alinho nas gentis fileiras,  
Sob as bandeiras que a victoria dão.

Terra dos Lusos, minha terra querida,  
— Talvez perdida para o trovador! —  
Patria, que adoro! se te adoro tanto,  
Deixa que o pranto dulcifique a dor.

. . . . .

Marca a saudade, que a minh' alma sente,  
Lagrima ardente que m'escalda a tez...  
Hontem venturas — e a ventura passa;  
Hoje... a desgraça e ámanhã, talvez!



## A VIOLETTA.

Sôbre açucenas e túlipas  
Voltejavas — mariposa —  
Causando invejas á rosa  
E ciumes ao jasmim;  
E voavas sôbre o córrego,  
Que te não guardava a imagem,  
Bem como tu, como a aragem  
Nada guardais do jardim.

Empallidece o rainúnculo,  
De pejo coram as murtas,  
Não pedes o beijo, furtas,  
Sorves, profanas sem dor...  
E só te não sente o osculo,  
Que a matára, — a violeta,  
Que tu não vês, borboleta,  
— Occulta aos raios de amor.

Que nem as auras voltigeras  
Podem roubar-lhe o perfume,  
Sem que tremam de ciume  
As folhas de seu docel;  
E nem o mimoso calice  
Da lua o beijo recebe,  
Nem o sol orvalhos bebe,  
Nem as abelhas o mel.



E nem tu, formosa e perfida,  
Lhe sorverás a belleza,  
Nem a casta singeleza,  
Que adivinhas e não vês;  
— Modesta virgem defendem-na  
Crenças n'um amor celeste,  
E vive alegre, — mas veste  
Das cores da viuvez.



## ULTIMA CARTA.

A LUCIA.

( FRAGMENTOS )

.....

Passou a névoa que occultára a face  
Ao astro rei. As auras fugitivas  
O fogo lhe atearam.

. . . . .

Depois espessa nuvem, que se agita,  
No seio negro e horrivel traz o raio;  
No ceu ennegrecido  
Assopra o vento irado, em vez da brisa;  
Ao astro rei um veu de escuro gaze  
Esconde a face; e volve-se no espaço  
Da procella o cortejo.

Em pardacento crepe disfarçado,  
Possue a consciencia do exterminio  
Que leva pelo mundo;  
E em meio, recostado em negro carro,  
O ígneo viajante  
Ao homem poderoso, nos triumphos  
Simelha e na vaidade.

. . . . .

Pequeno e triste goivo, a flor das campas,

Tremeu, gemeu, rezou... Estalla o raio,

Dispára sobre a terra...

E a pobre flor, ao chão pendendo a fronte,

Suspira e reza e morre!

. . . . .

II

Oh Lucia! eu vi neblina incerta e breve  
No ceu da minha vida.  
Aos olhos d' este amor, divinas auras,  
Rasgando com su 'aza transparente  
O seio da neblina e deslocando-a,  
Mostraram mil venturas.

Oh Lucia! e vi no ceu medonha nuvem,  
Tremenda annunciadora da borrasca,  
No seio conduzir, pesado e negro,  
O fogo do exterminio, o raio, a morte!  
E vi seguir apoz a nuvem treda  
Innumero cortejo de demonios;

E vi bater-se a hoste, ouvi-lhe o grito  
Horrísono, medonho! e sobre o peito  
Do triste, que procura em vão no espaço  
O sol do teu amor, — senti rojar-se  
O fogo do exterminio, o raio, a morte!

. . . . .

III

. . . . .  
Eu era tão feliz ! mas veio o mundo,  
Suberbo de um poder que a si arroga,  
Roubar-me o coração da minha Lucia !

Eu era tão feliz ! O mundo egoista  
Não quiz o teu amor, quiz o teu ouro,  
E a sorte me invejou, não compreendendo  
Que eu dera a minha vida pela tua,  
Não dera um dia só pela riqueza !

. . . . .



IV

Dizer-te o que senti... fôra impossivel!

Lembranças d'este amor tão meu, tão puro,

Lucia, que importam?

Pallidas flores, pelo chão dispersas,

Do vento escarneo,

Ergue-as, se pódes, como eu pude estatua

Vel-as pender-se!

. . . . .

. . . . .

Dizer-te o que soffri. . fôra impossivel!

Mentiste, Lucia...

E a verde pagina do meu destino

Volveu-se negra!

. . . . .

V

Traçado pela mão do infortunio  
O quadro d' este amor, em negra tela,  
Eu quiz deixar-t' o aqui. Lembrança eterna  
Será do crime teu! Has de rasgal-o,  
Terás de reduzir o quadro a cinzas,  
Soltar a cinza ao vento... e, Lucia, um dia  
Irás beijar-lhe o pó!... Hei de cantar-te :

« Lugubres cinzas pelo chão dispersas,  
« Do vento escarneo,  
« Ergue-as, se pódes, como eu pude estatua  
« Vel-as rojar-se! »

## A PERDIDA.

Vous ne la plaignez pas, vous, femmes de ce monde!  
Vous qui vivez gaiement dans une erreur profonde  
De tout ce qui n'est pas riche et gai comme vous!  
Vous ne la plaignez pas, vous, mères de familles !...

.....

ALF. DE MUSSET, *Rolla*.

Pobre mulher! como chora!

Vinde vel-a... causa dó.

De tantas galas d'outr' ora

Nem uma lhe resta, só!

**Estende as mãos e mendiga**

**A caridade christã ;**

**Dai-lhe a esmolla que mitiga**

**O soffrer de nossa irmã !**

**Dai-lhe a esmolla de um carinho,**

**Uma palavra, siquer...**

**Ouro, não ! ouro mesquinho**

**Que seduziu a mulher.**

**Ouro... não ! Hora maldicta**

**Lhe sorríra o vil metal,**

**E no templo de Militta**

**Murchou-se a flor virginal !**

**Foi nas aras da vaidade**

**O vil premio consumir...**

**E cuspiu-lhe a sociedade**

**O seu amargo cuspir.**

Quando pura, como a rosa,  
O mundo infame a tentou;  
Perdida ja, mas formosa  
A sociedade... a gozou...

E pobre agora, abatida,  
Nem um gemido lhe ouvis!  
Deixam-n'a só! vai perdida  
E a sociedade a maldiz...

Se a Babylonia corrupta  
As filhas prostituiu,  
Na face da prostituta  
Nunca o escarneo cuspiu.

A Babylonia de agora  
E' mais sensata e melhor!  
Ironia! — Mulher, chora,  
Ninguem vai sentir-te a dor!



## A UM ARTISTA.

Nasceste em meio de festins e galas,  
Entraste as salas ao deixar a infancia;  
Rasgando o espaço, nos delirios d' alma,  
Colheste a palma que sonhaste em ancia.

Depois subiste, quando a voz dos povos  
Nos vôos novos te exaltou a mente,  
Tribuno, a imprensa traduziu-te a ideia,  
Rasgando a veia de um pensar ardente.

E quando d' arte franqueaste o trilho,  
Ditoso filho de uma gloria infinda,  
Fadou-te o ceu de inspiração brilhante :  
Subiste; — ávante! subirás ainda!

Poeta, artista, defensor do justo,  
Valeu-te o custo do talento a gloria.  
A'vante, ávante, cólhe mais um louro!  
Paginas de ouro te reserva a historia.



## A' MORTE

DE

MARTINIANO BAPTISTA TEIXEIRA D'ALMEIDA.

Tenho pena... sou tão moço!  
A vida tem tanto enlévo!

C. DE ABREU, *Primaveras*.

Ai! vinte primaveras, que tombaram  
De um vaso d'esmeralda, sôbre a terra!  
Ai! vinte flores, que argentára o dia  
E a noite sepulchral agora encerra!

I

Morrer é despertar? a vida é sonho?  
A dor do moribundo é pesadelo?  
A morte é somno eterno para o corpo,  
Lançando o espirito n' um sonho bello?

O que é morrer, Senhor?—Quêda-te, verme!  
Não tentes voltejar alem do mundo!  
Morrer é dar á terra a cinza ignobil;  
Morrer... é dar a vida ao moribundo!

— « Ai, não! a morte é negra! A mocidade  
Tem flores no porvir, sol no horisonte;  
Perpassa o vento, desfolhando as rósas,  
Desce a nuvem, ao sol toldando a fronte.

Eis a morte, Senhor! E' doce a vida,  
E' cheia de illusões, benedicto sonho!  
Se viver é sonhar, porque tão cedo  
Mandas o despertar triste e medonho?

Mal era madrugada! o sol apenas  
Franjára d'ouro as orlas da montanha;  
A' florinha do val, que ia sorrir-me,  
Mal o rocío d' arvorada banha.

**Porque morrer, Senhor! quando meus olhos  
Corriam pelo mundo da esperança!  
Quando, guerreiro de futuras lides,  
A's portas do saber ganhava a lança!**

**Porque morrer! E' cedo; aqui na terra  
Tenho tantos amores que me prendem!  
Tenho tantos irmãos; vê como choram  
Ardentes lagrimas que o rosto fendem! »**

III

Oh pobre mãe, tu, que do ceu contemplas  
A dor dos filhos teus, vê que tristeza!  
Tantos olhos que choram, tantos labios,  
Onde refêrve a dor que n' alma peza!

Beijo de mãe, — primeiro que teu labio  
Depoz em sua fronte, ao ver o dia,  
Orvalhaste-o de pranto! — era o primeiro  
Da rouxa viuvez e da agonia!...

Aqui — chorar da infancia — a dor da vida;  
Ali — hymnos a Deus — da morte o canto;  
O passado e o futuro, berço e túmulo!  
Da mãe o riso, da viuva o pranto!

Nasceste assim, mancebo! era o destino  
A demarcar-te a vida sobre a terra.  
Foi rapida! Quem sabe quanta gloria  
A lousa sepulchral agora encerra!

E chamaste-o, Senhor, quando seus olhos  
Corriam pelo mundo da esperanza!  
Quando, guerreiro de futuras lides,  
A's portas do saber ganhava a lança!

\*  
\* \*

Ai! vinte primaveras que tombaram  
De um throno d' esmeralda, no sepulchro!  
Ai! vinte flores para quem o dia  
Nem ja tem sol, nem luz, nem riso pulchro!

# CHORA !

N' UM ALBUM.

Que fôra a vida se n' ella não houvesse  
lagrimas!

A. HERCULANO, *Eurico*.

Como a estrella matutina  
Chora aljofares de prata  
Sôbre a relva da campina,  
Sôbre a rosa e a bonina,  
Que no campo se retrata;

E como a flor innocente  
Envia á placida aurora  
O perfume, rescendente,  
O doce pranto que chora;  
— Deixa que na face lisa  
Passe a lagrima zelosa,  
Que tem ciumes da brisa  
E mollemente desliza  
Té perder-se descuidosa.

Chora, chora, virgem pura!  
Que mais se augmenta a belleza,  
Mais commove a formosura,  
Quando chora a desventura  
Entre a fé, entre o receio.

Esperas? — Palpita o seio  
Quando julgas ver detido  
O pranto, da face em meio,



Por um osculo appetecido,  
Casto, puro como o beijo,  
Que o jasmim á rosa envia  
Envolvido no bafejo  
Das leves auras do dia.  
E' do irmão! Cinge-o nos braços,  
Mais e mais estreita os laços  
Do candido amor fraterno!  
E' do irmão! Volveu á patria,  
A luz d'alegria brilha...

. . . . .  
Era a mãe! beijára a filha;  
Bebêra o labio materno  
Essa pérola mimosa,  
Que pela face desdobra  
Da triste virgem formosa  
E vae esconder-se á dobra  
Mais sacrosancta do peito.

. . . . .

Receias? — Tremes, donzella,  
Que jamais ao seio apertes  
O terno irmão, por quem vertes  
Esse pranto? — Acaso a estrella,  
Cecêm nos jardins do empyreo,  
Perde a esperança, no dia,  
De rever, á noite, o lirio  
Que um momento se desvia  
No breve giro da terra?  
— Oh! não receia a saphira;  
Todo o amor, que o peito encerra,  
Em saudade se converte  
D' esse irmão, por quem suspira;  
Que — se as estrellas são flores  
Que vivem no ceu luzidas —  
São as florinhas do prado  
Estrellas no chão perdidas.

. . . . .  
. . . . .

**Espera, virgem, espera ;  
Mas chora ; que a primavera  
E' mais bella quando a aurora  
Sôbre as florinhas derrama  
Os aljofares que chora.  
— Que fôra no mundo a vida,  
Se a dor , que n' alma doe tanto,  
Não a minorasse o pranto!**



## FLOR DE MARMORE.

NO ALBUM DE J. DE M.

Era um jardim; muitas flores... e uma só  
estatua.

. . . . .

Das harmonias o bafejo trémulo,  
Que de prazer arrebatava as flores,  
Aos pés da estatua se quedava gélido,  
Ou se arrastava, suspirando amores!

**Era de medo que esfriava o cântico,  
Roçando a phrase na belleza fria?  
Ou, já captivo, suspendia o rapido  
Voar da melodia?**

. . . . .

**Era um jardim; muitas flores... e uma só  
de marmore!**

## ESTATUA!

Sê monstro, ou sê deidade,  
Não fujo aos ferros teus.

A. DE CASTILHO, *Ovid., Am.*, liv. 3, c. XI.

Mulher, estatua em pé! se és uma estatua,  
Ahi tens meu coração por pedestal!  
Consente ao menos que meu labio trémulo  
Pouse um beijo nas orlas do sendal.

Mulher, estatua em pé! se fôras aspide,  
Guardára-te no seio, — archanjo assim,  
Entraste o coração! Mas, anjo ou vibora,  
Minh' alma alenta, ou rasga o seio emfim!

Se eu fôra a estrella, que da immensa abóbada  
Te envia luz e amor, — trocára os ceus  
Por teu vestido azul, embora pallida  
Ficasse, ao scintillar dos olhos teus.

Se eu fôra a borboleta, ao lirio candido  
Fugira, por beijar-te uma só vez,  
Embora que de amores fosse victima,  
Se um beijo de homem te roçasse a tez.

Se fôsse o lirio, no teu seio, tímido,  
Quizera ser feliz um dia só,  
Embora em meio de suspiros languidos  
Um seio estranho me arrojasse ao pó!



Mulher, aspide ou anjo ! se és estatua,  
Ahi tens meu coração, calcál-o vem !  
Que em premio o labio teu, neve purpurea,  
Apague o fogo, que meu labio tem !



## **SALVE !**

**NO ALBUM DE JM. DE M.**

**Era a flor branca de neve,  
De neve, sim, mas formosa,  
Desbotada como a rosa  
Em dias que o sob não viu;  
Roçou-lhe a brisa de leve  
Sem agital-a um momento...  
Soprou-lhe o escarneo do vento,  
Pendeu-se a flor... e sorriu...**

Salve, estatua! sentiste aura de amores  
Estremecer-te n' alma!  
Ergueste os olhos, agitaste o labio...  
Quedaste fria e calma!

Quem disse ao marmore que a vida salta  
N' um trémulo sorriso,  
Como, só, vive se desprende o calice  
A rosa e o narciso?

Quem disse ao marmore que a vida salta  
No fulgurar dos olhos,  
Como é só dia quando a luz é próspera,  
No ceu, contra os abrolhos?

Salve, salve, mulher! Alfim que importa  
Quedasses fria e calma?  
Se ergueste os olhos, agitaste o labio,  
Estremeceu-te ess' alma!

Viveste, porque do seio,  
A que em meus sonhos aspiro,  
Ja desprendeste um suspiro  
Dos muitos que dormem lá!  
Viveste porque o receio  
De quebrar o nosso encanto  
Abandonou-te, — e portanto  
Desencantaste-nos ja.

Viveste, sim, que um sorriso  
N' outro sorriso gelaste!  
Se o nosso encanto quebraste,  
Viveste... Nem foi por mim!  
Prendeu-te do escarneo o riso...  
— Ao gêlo casa-se o gêlo,  
Que o fogo não ha prendel-o...  
Mas salve! viveste enfim!



## **CEDEU !**

**Funde em delirio a ternura,  
Veda ao péjo o murmurar!**

**A. DE CASTILHO, *Ovid., Am.*, liv. 3, c. XIV**

**Emfim! rasgou-se o veu que a protegia,  
Queimou-se em tanto ardor!  
Se o labio seu negára o meu pedido,  
Agora, emmudecido,  
Falla de amor...  
Subjeito á sua lei,  
Sou rei!**

Oh! perola mimosa que eu roubára

Da concha maternal!

— Perola parda, que — por não ser alva,

Eu juro que está salva

De ter rival, —

No mar, que seduziu,

Caiu!

Borboleta veloz, irmã das flores,

Transfuga do jardim,

Mais bella do que a sombra d' açucena

De noite, e mais morena

Que a do jasmim,

Nas chammás, que accendeu,

Ardeu!

Rosa modesta, que roseira d' Africa

Gerou n' outro paiz,

Não mais virgineas petalas bafeja



A brisa que, de inveja,  
Raivosa diz :  
« Ao noto, qui a beijou,  
Vergou! »

De amor o throno que, — fiel vassallo,  
Rainha, te guardei,  
Calca-o, formosa, com teu pé pequeno  
E, n'um ditoso aceno,  
Faze-me rei!

. . . . .  
. . . . .

. . . . .

Tombou a perla, desfolhou-se a rosa,  
A borboleta ardeu!  
E a mulher, que reinou quando era virgem,  
Rainha sem corôa, na vertigem,  
Por um throno de amor... perdêra o seu!



## MENTIRAS.

Ao peso da desventura,  
Sinto a minh' alma gemer...  
E o labio ri, folga o corpo  
N' um turbilhão de prazer!

\*  
\* \*

Alem, no centro do valle,  
Formoso alcaçar não vês?

Coróam-no flores que riem,  
Choram-lhe arroios aos pés.

Haverá risos la dentro ?  
Dizei, florinhas, dizei :  
Ha pranto! pranto que embebem  
As galas que inveja o rei.

E o lago, tela alvacenta  
Onde um anjo desenhou  
As rosas, lirios e a relva  
Que o Senhor ali creou;

O lago, que affoga o raio  
Com que o sol o quiz beijar,  
Mente-lhe a face tranquilla  
Que a brisa teme crespas?

— Húmido filho das aguas,  
Que a face cortar-lhes vem,  
Diga-te o inferno agitado  
Que o lago no fundo tem.

\*  
\* \*

Assim vivemos na terra;  
Mente-me o labio, se ri,  
E folgo de ver que mentes,  
Como eu sempre te menti.

Mandas-me um longo suspiro,  
Que envolto no anseio cae;  
Tinges os labios de um riso  
Contrafeito, que se esvae.

E eu acceito o sacrificio,  
Quero deixar-me illudir;  
Mas dar-te um ai, dar-te um beijo...  
Oh! tanto não sei mentir!

Então receias e choras...  
E finges bem... causas dó!  
E pedes — tremem-te as fallas —  
« Oh! dá-me um suspiro, só! »

E eu quero ver-te vaidosa,  
E eu quero ver se és actriz;  
Queixo-me então que sou triste  
Porque tu me não sorris.

Ergues de novo a tu 'arte,  
Dás-me suspiros e ais...  
E eu fico estatua. Prosegue,  
Finge, mente, chora mais!

\*  
\* \*

Vamos ao campo. Tu folgas  
No descuidoso jardim,  
Colhes as flores do prado,  
Unes a rosa ao jasmim.

Duvida a luz pelo espaço;  
Por tras da collina o sol,  
N'um raio suspenso, aguarda  
Emboras do rouxinol.

• Como se banha nas aguas,  
Que a soltas no prado vão,  
Essa cabana tão pobre  
Que a miseria accurva ao chão!

Como as horas da amargura,  
Que o pezar grilhôa ao pé,  
Devem passar arrastadas  
A quem, triste! ali se vê!

Não sabes, Lucia! é penoso  
Ver a alegria da flor  
Contrastando amargamente  
Com o pungir de uma dor...

\*  
\* \*

Mas não! O ceu, que era bello,  
Enluctou seu manto azul,  
O lago treme, as florinhas  
Tombam ao sôpro do sul;



As aves calam de medo,  
No ceu ribomba o trovão,  
E, por suster-se, o carvalho  
Apoia as ramas no chão!

Pede gasalho á miseria  
Que ali seu reinado tem.  
— Vês o innocente que dorme  
Nos braços de sua mãe?

Ouves um canto la dentro?  
Quem será? — Homem, quem és!  
« Sou senhor n'esta choupana,  
Marido e pae, bem o vês.

Trabalho alegre de dia,  
Rio e canto, como ouvis;  
A' noute volvo-me a casa,  
Rezo, durmo e sou feliz. »

\*  
\* \*

Como a tristeza na terra,  
Como a bonança nos ceus,  
Assim mente o meu sorriso  
E mentem os olhos teus.

## N' UM ALBUM.

(Sob a impressão de uma musica.)

Tu, que a belleza arrebataste ás flores  
E os seus amores captivaste assim,  
Vôa comigo n' um fraterno encanto,  
Onde o teu canto me elevou, a mim!

Vôa comigo! No cair da morte  
Roubou-me a sorte um coração de irmã...  
Vôa comigo, sê meu anjo, oh anjo,  
Guia-me, archanjo, n' esta lida vã!

Sente-se um vácuo no rolar da vida,  
Se esvaecida vae no peito a luz;  
Sem mãe nem patria, quem não vae perdido,  
Se o mundo infido lhe pozer a cruz!

Sê minha irmã! No desdobrar da sorte  
Rirei da morte despotente e vã.  
Vôa comigo, n' um voar fraterno  
Que dure eterno! Vem... sê minha irmã!

Não sei se a virgem, que sonhei na infancia,  
La na distancia para mim morreu;  
Sei que sem patria, sem amor, sem ella,  
Nem uma estrella me illumina o ceu.

Tu, que a belleza arrebataste ás flores  
E os seus amores captivaste assim,  
Vôa comigo n' um eterno encanto,  
Onde o teu canto me elevou, a mim!

**ROLLA.**

**(DE ALFREDO DE MUSSET.)**

**Fragmento de uma traducção.**

. . . . .  
Oh Christo! não me arrastam  
As súplicas ferventes  
Ao templo em passo trémulo,  
Quebrando-lhe a mudez.

Oh Deus! não sou d'aquelles  
Que vão ao teu calvario  
Com labio arrependido  
Beijar-te os rotos pés.

Eu permaneço immobil  
No portico sagrado,  
Em quanto sob as naves  
O povo teu leal  
Se accurva ciciando  
Ao salmear da egreja,  
Como ao roçar do norte  
Cicia o cannaveal.

Não creio, não, oh Christo!  
No verbo teu divino;  
Nasci tarde no mundo  
Que a idade corrompeu.

De um seculo descrente  
Nasceu outro sem medo,  
E os cometas do nosso  
Varreram todo o ceu.

E agora o dubio acaso  
Agita na penumbra  
Das illusões, que imperam,  
O mundo no estertor ;  
E a alma do passado,  
Errando em seus destroços,  
Empurra ao pégo eterno  
Os anjos do Senhor !

Os cravos do teu Golgotha  
Apenas te sustentam ;  
De sob o teu sepulchro  
O astro-rei fugiu !

Morreu-te a gloria, oh Christo!  
E sôbre o lenho d'ebano  
O teu cadaver sancto  
Desfeito em pó — caiu!

Ai! seja permittido  
Beijar-lhe a pura cinza  
Ao filho menos crente  
De um seculo sem fé!  
E prantear, oh Christo!  
No mundo, que remido  
Viveu da tua morte,  
E morre... e não te vê!

. . . . .



## DESPERTA !

Venez que je vous parle, ô belle aux yeux divins !

Venez ! le printemps rit, l'ombre est sur le chemin,  
L'air est tiède, et là-bas, dans les forêts prochaines,  
La mousse épaisse et verte abonde au pied des chênes.

VICTOR HUGO, *Voix intérieures*.

Eu vi-te á noutinha : na face mimosa  
Dormia-te a rosa da cor do desmaio;  
O sol, que morrêra, beijára-te as tranças  
Mandando esperanças no seio de um raio.

E eu vi-te de noite : nos olhos cerrados  
La guardas calados desejos de amores;  
Na bocca pequena saltitam e pulam  
Suspiros que ondulam em rios de flores.

Eu creio em teus olhos; desprende-os, oh bella!  
Que mais de uma estrella terá de offuscar-se;  
Não temas os ventos, nem raios vermelhos,  
Que d'alma os espelhos não podem quebrar-se.

Saccode as cadeias que o mundo te déra!  
Minh' alma te espera sorrindo em venturas;  
A lua promette, mostrando-se a medo,  
Guardar o segredo de nossas ternuras.

Voemos, archanjo! Quebrei minha lyra,  
Que outr' ora mentira de amores fallando,  
Meus labios agora dirão, n' um só beijo,  
Venturas que almejo, sorrindo e chorando.

Nos braços do homem, que ao seio te prende,  
Teu corpo se vende, tu' alma dormita;  
Desperta, meu anjo! não dorme quem ama,  
Sustenta-o a chamma que o peito lhe agita.

Terá minh' alma,  
De amor accesa,  
Tu' alma presa  
Por nosso amor;  
E o pranto cessa,  
Que á face davas,  
Em que banhavas  
A tua dor.

Teremos delicias que o peito gozára,  
Que a voz não contára, temendo por ellas;  
Irás á noutinha banhar-te no lago,  
Sorrindo ao affago da luz das estrellas.

Iremos nos valles ao pé das roseiras,  
Que embalam fagueiras as filhas altivas,  
Roubar-lhes odores que as rosas bafejam,  
Se as auras adejam em volta captivas.

E o berço das flores, de verde esmaltado,  
Fará cortinado da sombra mimosa;  
— Bem sabe a roseira que férvidos beijos  
Fariam desejos na candida rosa;

Que as pallidas cores, que tens no teu rosto,  
De inveja e desgosto matavam-lhe as flores;  
Que a salvo das sombras, que o leito nos vistam,  
Teus olhos conquistam... e matam de amores.

Desperta, formosa! Quebrei minha lyra,  
Que outr' ora mentira de amores fallando;  
Meus labios agora dirão, n' um só beijo,  
Venturas que almejo sorrindo e chorando.

## UM BEIJO.

Não posso crer-te, não, sorte impiedosa,

Mentiste! mentes! não te creio, a ti!

E' feio o desengano, *ella* é formosa...

— Não póde ser... não foi e eu nada vi.

O que senti... foi d'aura o vão lamento,

Não foi um beijo que seu labio deu.

Entre *elle* e *ella* está meu pensamento,

— Se um beijo se trocou, foi d'*ella* e meu.

Se escuto o rouxinol, creio que canta,  
Se vejo a luz do ceu, creio na luz;  
— Porque não crer o labio que me encanta !  
Porque não crer o olhar que me seduz !

Mas quando o sol se esconde no horizonte,  
E ao longe estala da procella a voz,  
— Parece que o astro-rei pousa no monte,  
E que o trovão ribomba sobre nós.

Assim, o que senti não foi um beijo,  
Que o labio d' *elle* não roçára o seu;  
Entre ambos tinha eu posto o meu desejo,  
— Se um beijo se trocou, foi d' *ella* e meu.

Talvez... Já sei; Luiza a morenita,  
Passando junto a mim, déra-me um *ai*;  
— Suspiro de mulher terna e bonita  
E' como o raio, — passa, queima e vae.

Correu, segui-a e, fugitiva rosa,  
Escondeu-se nas sombras do jardim;  
Se ella era flor, eu fui a mariposa...  
— E a brisa desfolhou mais um jasmim.

Então... eu vi Lucinda, no momento,  
Deixar que um labio lhe roçasse a tez!  
— Fui eu, fui eu... beijou-a o pensamento,  
E o beijo murmurou... que era de trez.





## A MORTE DE UM POETA.

Le poëte chantait : quand la lyre fidèle  
S'échappa tout à coup de sa débile main...

MILLEVOYE, *Élég.*, liv. I.

Fatal presente do genio,  
Porque o prendias ao ceu!  
Longe do mundo gemendo  
Nem um gemido desceu.

Canto amargo, que nascêra  
Do soffrer do coração,  
Passára frouxo na terra  
Nas azas da viração.

E a terra ouvia-lhe os hymnos  
Sem as maguas presentir;  
Subiam todas, subiam,  
Não nas pôde o mundo ouvir!

Se um anjo, quebrando a sorte,  
Viesse ao mundo dizer :  
« Morre um poeta de fome,  
Deixa-o a patria morrer! »

Ninguém crêra o mensageiro.  
— Morrer de fome! mentiu!  
Pois é da terra o poeta!  
Quem jamais o genio viu!

Se é homem, trabalhe e viva  
Do premio do seu suor;  
Se é poeta, viva e cante  
Libando a taça do amor.

E em terra posto o joelho  
O mundo, attento a escutar,  
Ouvira a queixa do vate...  
E crêra ouvil-o cantar!

E como o alegre camponio  
Ao calar do rouxinol  
Solta os hymnos d' arvorada,  
Saudando o nascer do sol;

Assim o mundo contente  
Cantára por sua vez :  
— Morrer de fome um poeta!  
Morre de amores, talvez!

E mais tarde, quando o genio  
Entrasse livre no ceu,  
Chorando diria o povo :  
— Era um poeta... morreu!

Porque tão longe do mundo  
O.collocaste, Senhor!  
Morreu chorando de fome,  
Viveu cantando de amor!

## ULTIMA PAGINA.

### FRAGMENTO.

. . . . .  
Oh não, meu coração! a vida é como as aguas  
Queda montanha ao mar se vão por entre as fraguas.

Ali borbulha alegre, em meiga solidão  
De fonte clara e pura o rio do sertão;  
Mas quando a noite e o dia o tem levado airoso  
Por sobre o valle ameno e pelo bosque umbroso,

— Unido a cem irmãos, casado a mil rivaes,  
La vae lambendo aqui tyranno e rude caes,  
Ali rasga-lhe o seio estúpido Charonte,  
E o pé do viajor, de sobre a erguida ponte,  
A face lhe assombreia e tolda-lh' a de pó!  
—E até que o mar lhe sorva as lagrimas e o dó,  
Outr'ora alegre e manso, hoje medonho e bravo,  
Arrasta-se na terra envilecido escravo!

E alem murmura alegre, em meiga solidão,  
Regato que se esconde á sombra do sertão  
E nem desceu ao val, nem é sabido ao mundo...  
Mas la, chegado ao pé de abismo claro e fundo,  
Debruça a pura frente e mais ligeiro vae...  
Espreita... o mundo é la!—Succumbe, geme e cae!  
E ou seja pobre o rio, ou catadupa enorme,  
O mundo applaude a queda e ao som do canto... dorme!

## AO LEITOR





Dando ao prelo o presente volume satisfazo menos o proprio desejo que o de muitos dos meus bons amigos; cumpro a promessa feita a alguns dos mais indulgentes e respondendo a uma obsequiosissima pergunta de trez dos mais intimos.

As poesias, que hoje ponho a lume, são pela quasi totalidade ineditas. Assim se restringem ellas aos annos decorridos de 1857

a 1860. Das anteriores a esta epocha, — publicadas aqui e ali em alguns jornaes politicos, ou em pequenos semanarios de litteratura, e perdidas e esquecidas por felicidade minha e d'ellas, — não *salvo* mais do que trez especialmente designadas e defendidas pelas competentes datas.

Propondo-me dar ao público uma primeira collecção dos meus versos, impuz-me a rigorosa, e por mim reconhecida obrigação de escolher os menos indignos dos olhares da critica. Se estes o são muito, creia o leitor que os outros o seriam *multissimo*.

Valha-me a confissão espontanea e a boa-fé, com que protesto contra quem me alcunhar de *fazedor de modestia*.

Quanto ás mil particularidades que se ligam a uma *obra* d'estas, levo a minha generosidade para com o leitor, ao ponto de

esconder-lh'as. Contento-me de repetir um  
verso, — sublime lhe chama Nodier, — de  
Maria de Gournay :

L'homme est l'œuvre d'un songe et son œuvre est son ombre.

Paris, março de 1861.



## NOTAS



## A.

### (DEDICATORIA.)

CASIMIRO DE ABREU era uma d'estas raras intelligencias e heroicas vontades que, voadoras temporãs, luctam contra todos os obstaculos do fossilismo e da indifferença, e ganham força na propria lucta.

Poeta-criança como Millevoye e como elle contrariado pela sollicitude da familia, — acabou por triumphar em segredo; — e, sem pronunciar o *promitto* de Ovidio, baixou a cerviz ante o *quero* da auctoridade paterna, erguendo o coração e o pensamento á luz e ao *posso* do genio. Menos feliz, porém, do que o illustre elegiaco francez, não saiu das mãos guiadoras e providentes de um douto Collenot para entrar no escriptorio de um rábula impertinente, nem viveu trinta e trez annos para

cultivar o raro talento e colher o fructo de tantas e tão bellas flores, que lhe brotavam n' alma ardente e apaixonada.

Casimiro de Abreu morreu em fins de 1860, aos vinte e um annos de idade, auctor de um volume de poesias (1855-1858) das quaes a critica mais severa ha de acceitar muitas como formosas e todas como promettedoras.

Sem mestres nem livros, empurrado barbaramente para o positivismo do commercio, Casimiro pendia a bella fronte e, em sua quasi ininterrompida meditação — não aprendia, adivinhava, — como, talvez não com mais justiça, disse M. de Pongerville do admiravel auctor do *Amour maternel* e de *Emma et Éginard*.

E assim se fez um poeta e esse poeta fez um livro, — eloquente protesto contra as mãos sacrilegas que transplantam para os rochedos incendiados, para as brasas petrificadas de S. Vicente, um arbusto mimoso e raro dos jardins Van Houte!

« Tudo me roubam meus crueis tyrannos :  
« Família, amor, felicidade, tudo !  
« Palmas da gloria, meus laureis do estudo,  
« Fogo do genio, aspiração dos annos !... »

E' formoso e dóe esse grito de uma grande alma que não póde voar aonde aspira, por medo de abandonar de todo aquelle corpo debil e ja vergado, como a palmeira do deserto ao sôpro ao simoúm.

Casimiro, o auctor das *PRIMAVERAS*, entrou hontem



nó mundo com as mãos cheias de flores, que hoje, ainda verdes e perfumosas, lhe servem de adornar a campa. Como Alvares de Azevedo, a victima de si proprio, como Junqueira Freire, o martyr do claustro, como Dutra e Mello, como Macedo Junior, a criança de quinze annos que saiu do berço por entrar no túmulo, espalhando açucenas no caminho, — Casimiro é uma gloria roubada ás letras brasileiras e a todos que fallam a lingua de Camões.

Lamenta-se que a rapidez com que passou na terra o não deixasse perpetuar o seu nome. André Chénier morreu em 1794, em 1819, á frente da primeira edição das suas poesias, escrevia Henri de Latouche : « André Chénier deixára apenas, na memoria de alguns amigos das letras, um nome promettido á celebridade. A sua gloria era menos fundada sobre titulos do que sobre esperanças. . . . .

. . . . Para que, pois, entregaremos os *fructos imperfeitos* d'esta musa ao risco das nossas preocupações ! » Mais tarde porém, nas seguintes edições, lê-se : « Hoje temos a certificar o immenso *successo* do seu livro, e a influencia de um talento, completamente regenerador, sobre o futuro da poesia em França. » Sainte-Beuve o caracterizou ; e o desgraçado auctor da *Invention* e do *Aveugle*, o mimoso e desventurado poeta da *Jeune captive*, é um dos maiores ornamentos da moderna litteratura franceza, e com Gilbert e Malfilâtre forma, no fim do seculo 18º, a trindade dos astros, cujos dois

horisontes quasi se tocaram — oriente e occidente.

Quem sabe pois se mais tarde, quando a crítica se der ao trabalho de ler e meditar os livros de Azevedo Freire e Abreu não achará muito de bom que certamente fará mais sentida ás lettras a morte prematura d'esses talentos, mas que tambem lhes trocará em aureo veu de gloria o manto verde-pallido de esperanças mortas, com lhes envolvem os versos ?

Esperemos.

Para mim, — e d' esta vez, pobre exigente, me não contento com pouco, — para mim a musa, que inspirou o *Amor e medo*, merece bem as atenções da litteratura patria. E pois que o meu livro buscou protecção no túmulo, fechado apenas, de Casimiro de Abreu, permitam-me que aquella sua mimosa e doce poesia venha aqui, por unica e emprestada riqueza, perfumar as pobres flores que lhe offereci. A lua é escura e pede ao sol que a prateie.

## AMOR E MEDO.

Primaveras, XL, pagina 151.

### I

Quando eu te fujo e me desvio cauto  
Da luz do fogo que te cerca, oh bella,  
Contigo dizes, suspirando amores :  
— Meu Deus! que gèlo, que frieza aquella!

Como te enganas! meu amor é chamma  
Que se alimenta no voraz segredo,  
E se te fujo, é que te adoro louco...  
E's bella — eu moço; tens amor — eu medo!

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,  
Da luz, da sombra, do silencio, ou vozes,  
Das folhas sêccas, do chorar das fontes,  
Das horas longas a correr velozes.

O veu da noite me atormenta em dores,  
A luz da aurora me intumesce os seios,  
E ao vento fresco do cair das tardes  
Eu me estremeço de crueis receios.

E' que esse vento, que na varzea, ao longe,  
Do colmo o fumo caprichoso ondêa,  
Soprando um dia tornaria incendio  
A chamma viva que teu rizo atêa!

Ai! se abrasado crepitasse o cedro,  
Cedendo ao raio que a tormenta envia,  
Diz: — que seria da plantinha humilde  
Que á sombra d' elle tão feliz crescia?

A labareda que se enrosca ao tronco  
Torrára a planta qual queimára o galho  
E a pobre nunca reviver podéra,  
Chovesse embora paternal orvalho!

II

Ai! se eu te visse no calor da sésia,  
A mão tremente no calor das tuas  
Amarrotado o teu vestido branco,  
Soltos cabellos nas espaldas nuas!...

Ai! se eu te visse, Magdalena pura,  
Sobre o velludo reclinada a meio,  
Olhos cerrados na volupia doce,  
Os braços frouxos — palpitante o seio!...

Ai! se eu te visse em languidez sublime,  
Na face as rosas virginaes do pejo,  
Trémula a falla a protestar baixinho...  
Vermelha a bocca, soluçando um beijo!...

Diz : — que seria da pureza de anjo,  
Das vestes alvas, do candor das azas?  
— Tu te queimáras a pisar descalça,  
Criança louca, sobre um chão de brasas!

No fogo vivo eu me abrasára inteiro!  
Ebrio e sedento na fugaz vertigem  
Vil, machucára com meu dedo impuro  
As pobres flores da grinalda virgem!

Vampiro infame, eu sorveria em beijos  
Toda a innocencia que teu labio encerra,  
E tu serias, no lascivo abraço,  
Anjo enlodado nos paues da terra.

Depois... desperta no febril delirio,  
— Olhos pisados — como um vão lamento  
Tu perguntáras : que é da minha corôa?  
E eu te diria : — desfolhou-a o vento!...

---

Oh! não me chames coração de gèlo!  
Bem vês : trahi-me no fatal segredo.  
Se de ti fujo, é que te adoro e muito,  
E's bella — eu moço; tens amor — eu medo!

Outubro, 1838.

Meu Deus! que é doloroso ver tão verdes annos e tão  
brilhante porvir quebrarem-se na sombra da sepultura!  
E assim Gonçalves-Braga, joven poeta portuguez, um  
dos companheiros de Casimiro, — fallecido no Rio de  
Janeiro, aos 22 annos de idade, sob as lagrimas e o  
tecto de um illustre litterato, patricio, amigo e, diga-  
mol-o, guia e mestre do infeliz auctor da formosissima  
*nenia a uma suicida!* E assim A. Coelho Lousada, poeta  
e romancista portuense, bem mais rico de talentos que  
de venturas! E assim Soares de Passos, e assim tantos!

Uma dor resignada e religiosamente soffrida verte na  
maior parte dos versos de Casimiro de Abreu um per-  
fume de melancholia, que encanta e entristece. Tambem,  
presentíra elle a morte e, no dia em que dizia o extremo  
adeus a Affonso Messeder, que no túmulo o precedêra de

dois annos, prophetizou-a com notavel resignação e singularidade, em um só verso :

« Descança ! se no ceu ha luz mais pura,  
De certo gozarás n' essa ventura  
Do justo a placidez !  
Se ha doces sonhos no viver celeste,  
Dorme tranquillo á sombra do cypreste...  
*Não tarda a minha vez ! »*

Nos ultimos dias de dezembro de 1860, no momento em que principiava a colleccionar e ordenar este volume, recebi a noticia da realisação d'essa triste prophesia. Casimiro de Abreu, o doce poeta das Primaveras, fôra-nos roubado ; — *não tardou a sua vez !* Abri a primeira pagina do livro e consagrei-lh'o. Se uma lagrima nodou a folha, era de saudade e subiu do coração aos olhos.

## B.

(PLUMAS E PENAS, PAG. 15.)

Um dia trouxeram-me o *album* de uma formosa dâna fluminense. A ordem de *contribuição* era tacita, mas positiva. Contribuir com que? De boa vontade obedecia, mas... Este *mas* era o Malakoff dos meus desejos. *Sitie* a *tyra*; o assedio foi longo e porfioso, e a tarefa levada a cabo com pênas e sem venturas. Escrevi essas quadras.

De resto, cumpre confessal-o, não era totalmente desinteressado o presente da minha pobre e humilde musa, que me segredava ao ouvido : — Que a dona d' este album leia os meus versos, — que os ache lindos e chore, — que os ache feios e ria, — pensa um momento em mim e em ti; — ja não é pouco.

Não sei qual o favor que valêram; nunca o soube, nem saberei jamais.

Por essa ocasião tive pela primeira vez a ideia de publicar um volume de poesias, a que resolvi dar o titulo dos versos do album, *Plumas e penas*. Alguns amigos me representaram que havia n'elle um trocadilho de mau gosto, um *elmanismo* imperdoavel, e até um *gon-gorismo* (!) atroz. Quiz defendel-o, (quem não defenderá o seu *titulo*!) mas adiando para mais tarde a realisação do meu projecto, recolhi-me aos bastidores. E o livro sae agora debaixo da designação de — *Poesias* — designação vaga e talvez mais *pretenciosa* (Deus me perdoe!)



C.

(O CANTO DO INDIO, PAG. 31.)

*Pag. 33, verso 10.*

O throno de Aureng Zeib.

Aureng-Zeib, extincto imperio na India ingleza.

*Pag. 34, verso 4.*

Não viste o filho do Pant.

Dundon-Pant, pai do célebre e barbaro estrangulador  
Nana-Sahib.

D.

(MORRER PARA GOZAR, PAG. 35.)

A epocha, em que foi escripta esta *lenda*, faz-me esperar o facil perdão de tantas incorreções que reconheço e confesso. Pelo horror de emmendar (sem ter as *pretenções* do genio tutelar das Bagatellas, do *Hyssope*) e sobretudo, pela convicção de que me não era possivel tirar d'ali coisa bôa,—conservei o *poemeto* quasi como nasceu.

A razão porque o não deixei na pasta, ou o não condemnei ao fogo, como era de justiça, não interessa saber-se.

E.

(?... PAG. 49.)

No momento em que escrevi o ultimo d'esses versos, para os quaes procurava um titulo, fui distrahido não sei por quem. A *interrogação*, que ahi puz, perguntava como se chamariam. Chamaram-se —?... e assim foram publicados no *Album do Gremio Litterario Portuguez*.

Tambem esses soffreram accusação de *elmanismo*! houve até um meu amigo que lhes chamou — *estudo* e só como tal acceptaveis.

Declaro e juro sobre as cinzas do bom Elmano, tão injustamente insultado com a critica dos, para mim, benignos censores, — que essa poesia foi escripta sem bôa nem má intenção,

Era um peso na consciencia.

F.

(A UM POETA, PAG. 137.)

Estes versos, que não passam de uma criançaice, foram, debaixo do pseudonymo Maria M\*\*\*, publicados em 1857, n'um jornalzinho litterario.

Perdõem-me as offendidas, se ousei disfarçar-me sob tão doce nome e com tão amavel protecção. Houve para isso uma razão que cessou de existir. Peço a indulgencia do bello sexo para o meu crime horrendo e inaudito, cujo sincero arrependimento se prova, apresentando-me como auctor de taes versos, — que, em consciencia, não podiam lisongear o nome da *auctora*.

G.

(LUCIA, PAG. 145.)

Em novembro de 1860 visitei o *Père-Lachaise* em companhia do meu amigo T. de A. Depois de termos visto o túmulo de Heloisa e Abailard, marchamos ao acaso sem nos fallarmos, — que a voz humana, conscia da sua impotencia para exprimir tudo que em taes logares se passa em nós, não ousa erguer-se ante a muda eloquencia dos sepulchros. Apenas os olhos, seccoos mas commovidos, interrogavam aqui uma data, ali uma inicial, alem um nome.

Subíamos uma das ruas, que da entrada principal conduzem ao centro do cemiterio. Procuravamos, na cidade dos mortos, um habitante conhecido.

— Vês aquelle túmulo? perguntou T. de A. Olhei á

minha esquerda e instinctivamente levei a mão ao chapéu. Aproximamo-nos. Era Alfredo de Musset. Nada de mais simples do que o sepulchro d'esse grande e bello talento : uma pedra erguida a prumo e sobre ella o busto do poeta, em marmore branco. Contemplei um momento essas nobres feições.

A melancholia é communicativa : *La mélancolie est plus tendre, plus confiante, plus communicative que le plaisir, si toutefois la mélancolie n'est pas le plaisir de ceux qui n'en ont plus*, — disse Charles Nodier. Mas o triste, que não pranteia, não arranca lagrimas, inspira respeito : — e o marmore das campas não chora. Quando meus olhos, despregando-se da imagem do homem, encontraram um raio da gloria do poeta, senti a dôr subir do coração á face; mas não chorei, que não pude.

Por baixo do busto de Alfredo de Musset está gravada a primeira strophe da — *Lucia*, e na parte posterior da lapide a última do — *Recorda* (*Rappelle-toi*). A imitação d'aquella melancholica elegia é, de todas as minhas poesias, a que eu mais amo. Parado em frente das cinzas do auctor, repetia-a mentalmente, parecendo-me ler, na doce placidez da estatua, o perdão de lh' a haver profanado. Foi n' esse moimento que os versos me feriram a vista :

Mes chers amis, quand je mourrai  
Plantez un saule au cimetière.  
J'aime son feuillage éploré :

La pâleur m'en est douce et chère,  
Et son ombre sera légère  
A la terre où je dormirai.

La lhe plantaram o chorão, cujas ramas apenas roçam  
as letras do epitaphio. Pequena e pensativa, dir-se-hia  
que a arvore das tristezas, contente de affagar o doce  
fragmento da poesia, não ousa erguer-se até o poeta.

Rappelle-toi, quand sous la froide terre,  
Mon cœur brisé pour toujours dormira ;  
Rappelle-toi quand la fleur solitaire  
Sur mon tombeau doucement s'ouvrira :  
Je ne te verrai plus ; mais mon âme immortelle  
Reviendra près de toi comme une sœur fidèle.  
Écoute, dans la nuit,  
Une voix qui gémit :  
— Rappelle-toi.

A minha imitação da *Lucia* foi publicada no *Parahiba*,  
jornal brasileiro, de que é redactor principal o senhor  
A. Emilio Zaluar, em 1859. A traducção do *Rappelle-toi*  
era completamente inedita e apenas conhecida de alguns  
amigos.

Confesso que a coincidência de encontrar sobre a lousa  
de Alfredo de Musset os versos, que eu d'elle tradu-  
zira, me impressionou vivamente.

Dedicando esta elegia ao senhor Conselheiro José de  
Castilho, tento dar a sua excellencia uma pequena prova  
da grande admiração e amisade que lhe voto ; e um tes-

timunho de saudade d'aquelles seus saraus litterarios, onde a intimidade como que nos tornava ainda mais doce e tepido o ar que respiravamos. Ali teve a *Lucia*, pela vez primeira, as honras da leitura e o favoravel accolhimento de mui distinctos litteratos.



## H.

(A ELISA, PAG. 161.)

Esta poesia faz parte da segunda scena do meu drama *Luis*, que se acha publicado e foi representado em vinte e cinco noites quasi consecutivas (perdoem-me a immodestia) no Gymnasio Dramatico do Rio de Janeiro. Ponho-a aqui ja por ser o seu logar entre as suas irmãs, ja porque ella me recorda uma das horas mais cheias de emoção, mais felizes e mais saudosas da minha vida.

## I.

(FLOR DE MARMORE, PAG. 205.)

Sem eu lh' o dizer (não fazendo offensa á perspicacia dos leitores) ninguém adivinhára que o *jardim* era o theatro da Opera, — que as *flores* eram as bellas espectadoras — e que a *estatua* era a mais bella de todas. Fica entendido.

As duas poesias immediatas pertencem ao mesmo *credo*.

J.

( ROLLA , PAG. 229. )

Emprehendendo um dia a traducção do Jacques Rolla, comecei-a em estancias de oito versos septisyllabos, rimando em *agudo* o quarto com o oitavo. Distrahido porém de tal trabalho durante algum tempo, quando voltei a elle achei inaceitavel o que tinha escripto; e perdoando ao meu debil talento os defeitos da interpretação, não pude perdoar-me a inconveniencia da forma. Resolvi então recommençar, adoptando o verso hendecasyllabo, e *imitei* algumas passagens. Reservo a publicação para quando a traducção for completa.

Da primeira tentativa conservo apenas o fragmento, que motivou esta nota.



## INDICE.

|                        |    |
|------------------------|----|
| Dedicatória.....       | 9  |
| Plumas e penas.....    | 15 |
| Conquista.....         | 19 |
| Desalento.....         | 23 |
| A uns annos.....       | 25 |
| A uma artista.....     | 29 |
| Canto do Indio.....    | 31 |
| Morrer para gozar..... | 35 |
| ?... ..                | 49 |
| Sonhava.....           | 53 |
| Um dia.....            | 57 |
| Súplica.....           | 59 |
| Destino.....           | 63 |
| Venci?.....            | 67 |
| As flores.....         | 71 |

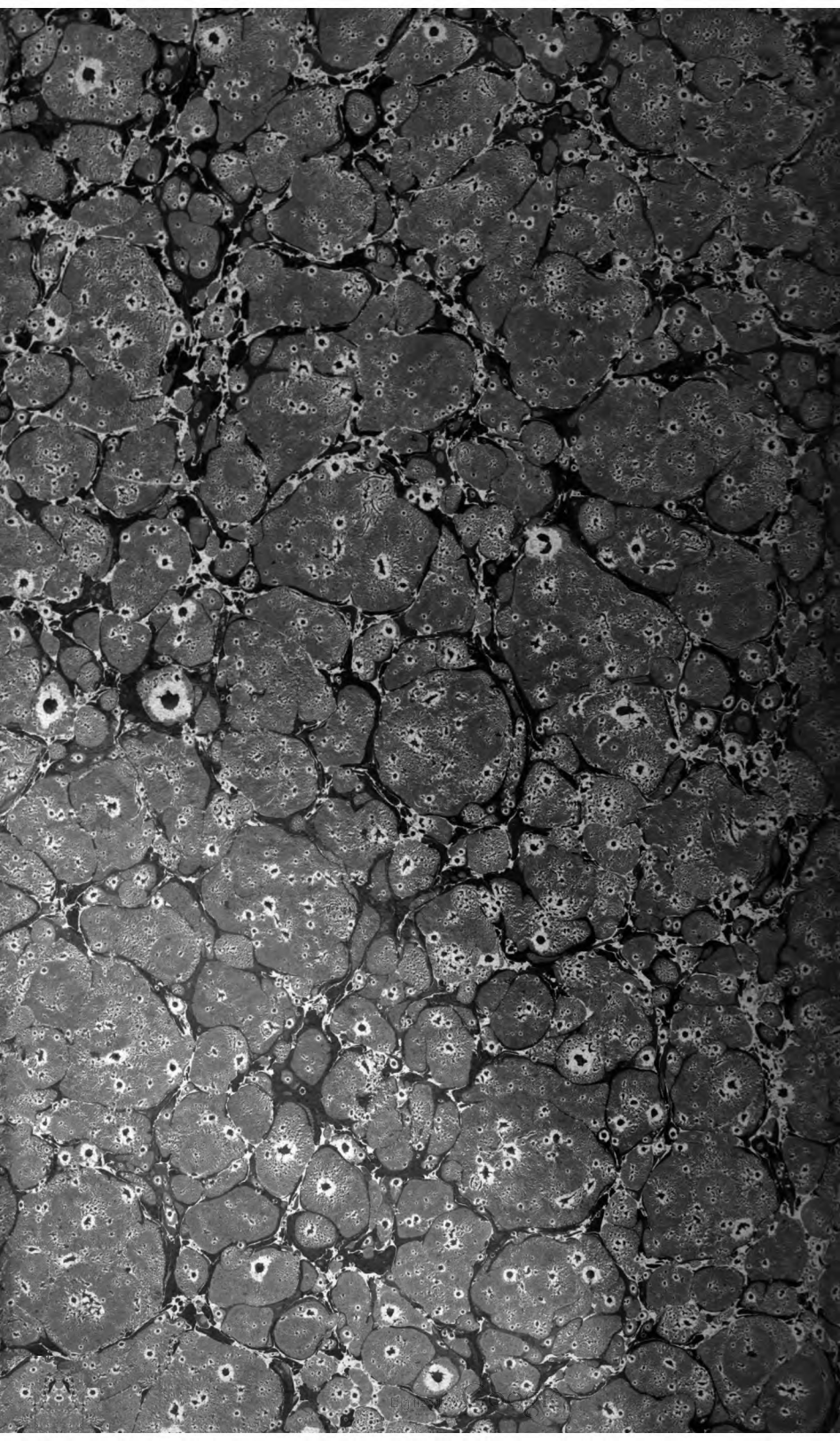
|                                      |     |
|--------------------------------------|-----|
| Sempre ! .....                       | 75  |
| Desengano .....                      | 81  |
| Dois anjos .....                     | 85  |
| Vive ! .....                         | 89  |
| Silencio ! .....                     | 93  |
| Sonhando .....                       | 97  |
| Pois sim .....                       | 101 |
| Recordações .....                    | 105 |
| Elegia, a J. de P. e Campos .....    | 115 |
| A uma artista .....                  | 129 |
| Credo .....                          | 133 |
| A um poeta .....                     | 137 |
| Recorda ! .....                      | 141 |
| Lucia .....                          | 145 |
| A lagrima .....                      | 153 |
| Vôa, saudade ! .....                 | 157 |
| Menti ! .....                        | 159 |
| A Elisa .....                        | 161 |
| Anjo da morte .....                  | 163 |
| Prantos .....                        | 165 |
| Emfim ! .....                        | 167 |
| Hoje .....                           | 171 |
| A violeta .....                      | 175 |
| Ultima carta .....                   | 179 |
| A perdida .....                      | 187 |
| A um artista .....                   | 191 |
| A' morte de M. B. T. d'Almeida ..... | 193 |
| Chora ! .....                        | 199 |
| Flor de marmore .....                | 205 |
| Estatua ! .....                      | 207 |
| Salve ! .....                        | 211 |
| Cedeu ! .....                        | 215 |
| Mentiras .....                       | 219 |

|                               |         |
|-------------------------------|---------|
| N' um album .....             | 227     |
| Rolla (de A. de Musset) ..... | 229     |
| Desperta! .....               | 233     |
| Um beijo .....                | 237     |
| A morte de um poeta .....     | 241     |
| Ultima pagina... ..           | 245     |
| <br>Ao LEITOR .....           | <br>249 |
| NOTAS .....                   | 255     |









UNIVERSITY OF MICHIGAN



3 9015 06303 5466



